

INSTRUÇÃO PUBLICA PRELIMINAR

Systema escolar dos Estados Unidos

(Conclusão)

Ainda nos remotos tempos coloniaes, em 1642, uma lei de frequencia compulsoria foi decretada em Massachusetts, infligindo penas aos paes pelo descuido da instrucção de seus filhos.

Na renascença do interesse pela instrucção, chefiada por Horacio Mann, em 1837, sentiu-se a conveniencia de uma lei de frequencia compulsoria, com provisão de penas especificas, e este sentimento tomou uma forma definitiva, produzindo as necessarias disposições legislativas. Em 1850, creou-se uma lei sobre a vagabundagem e em 1852, uma outra exigindo a frequencia escolar minima de 12 semanas por anno, para crianças entre oito e 14 annos, sob pena de uma multa de 20 dollares.

Em 1850, a colonia de Conneticut adoptou a lei de Massachusetts, de 1642. Outra lei de 1813 obrigou os estabelecimentos manufactureiros a providenciarem para que ás crianças nelles empregadas se ensinasse a ler, escrever e contar, e que se cuidasse da educação moral dos mesmos. Mais tarde foi decretada outra lei prohibindo o emprego de crianças com menos de 15 annos de idade que, durante certo tempo, não tivessem frequentado escolas,

Tem-se negado efficiencia a estas leis, por não constar que nenhum processo se tenha feito por infracção das suas disposições. Ora, um povo respeitador da lei, como é o americano, não espera a imposição de penas para cumprir as exigencias legaes.

A existencia de uma lei razoavel é bastante para garantir a obediencia geral, na maior parte dos Estados Unidos. Na au-

sencia absoluta da lei sobre o assumpto, é possível que alguns paes, cedendo á avareza, não mandem os filhos á escola, para aproveitarem do seu trabalho.

Si em 20 paes, 19 mandam os filhos á escola, por obediencia ás disposições da lei, segue-se que ella é extremamente util, embora o vigesimo pae seja obstinado e recuse mandar seus filhos e ainda não tenha sido processado.

Estes individuos obstinados e sempre dispostos a violar a lei, constituem excepção nos Estados Unidos, em que os cidadãos têm disposições pacificas e ordeiras.

Si se abolisse a lei de frequencia obrigatoria, o numero daquelles que haviam de descuidar da educação dos filhos augmentaria consideravelmente.

Nos Estados Unidos, trinta Estados, um Territorio e o districto de Columbia, têm leis tornando a instrucção compulsoria, geralmente em uma escola pública ou em instituto de ensino particular approved pelo Governo. Dezeseis Estados e um Territorio não têm instrucção obrigatoria, embora todos tenham systemas perfeitamente organizados de escolas gratuitas para todas as crianças em idade escolar.

Alguns Estados exigem que as crianças frequentem a escola durante todo o tempo de seu funcionamento e outros estabelecem restricções para crianças empregadas em qualquer trabalho.

Leis prohibindo absolutamente o emprego de crianças com idade inferior á minima especificada existem em New Hampshire (com menos de 10 annos), Rhode Ilande (com menos de 12 annos), Massachusetts e Conneticut (com menos de 14 annos).

Ha inspectores escolares de departamento em todos os Estados onde o departamento é uma unidade politica para a administração dos negocios civis, além dos tribunaes de justiça.

Mais ou menos 35 Estados têm esta forma de organização. Em outros a unica inspecção é a da cidade, e os departamentos são unidades quasi unicamente para a administração da justiça por meio de tribunaes departamentaes. Em outros ainda, a inspecção pertence aos districtos ou subdivisões das cidades.

Em 15 Estados os inspectores departamentaes são eleitos pelo povo, e nos demais são nomeados ou escolhidos por um voto combinado dos conselhos de instrucção.

Cada Estado tem um superintendente geral de Instrucção Publica.

Nas cidades os conselhos locais, que tem a direcção das escolas; são geralmente chamados — Conselhos de Instrucção;

em cabeças de comarca e districtos as designações mais usadas são — directores escolares ou administradores escolares.

Estes conselhos, geralmente eleitos pelo povo em eleição directa, são corporações constituídas e podem fazer contractos, adquirir, possuir e vender bens. A elles está affecta a parte administrativa do ensino; fazem os regulamentos e regimentos para o funcionamento das escolas, determinam o curso de estudos, a lista de livros e manuaes a serem empregados, etc.

A despesa com ordenados nas escolas públicas, incluindo professores e inspectores, foi de 123.890.412 dollares em 1897-98 ou 63,8 por cento da despeza total para fins escolares.

Os ordenados de média mais alta são na divisão de Ouest, entre os Estados e Territorios do Pacifico, cuja média mensal para homens é de 58.59 dollares, e para mulheres 50.92.

Tanto na divisão central como na occidental, a educação de meninos e meninas nas mesmas escolas é commum, e as excepções são raras nas escolas publicas. Nas divisões nord e sud-atlanticas muitas das cidades mais antigas continuam a educar as meninas em escolas separadas. Nas escolas suburbanas mais recentes, porém, a regra é a co-educação.

Nos districtos nord e sud-atlanticos, o costume foi sempre de co-educação.

Considerando o paiz todo, póde-se dizer que a co-educação é geral nas escolas elementares dos Estados Unidos. As cidades que apresentam excepção são menos de 6 por cento do total. Na maioria dessas cidades a separação dos dous sexos foi causada pela posição ou pela disposição especial dos edificios e provavelmente desapareceu em condições mais favoraveis.

Em mais ou menos dois terços do numero total das escolas particulares, a co-educação é tambem o systema adoptado.

Uma commissão nomeada, em 1894, pela Associação Nacional de Instrucção, organisou um curso de estudos para oito annos das escolas elementares, recommendando duas innovações: — introducção de latim, francez ou allemão, no oitavo anno, e de algebra, setimo anno e oitavo.

O seguinte quadro apresenta o curso como é dado no re-latorio da commissão:

Leitura. — Oito annos, com lições diarias.

Calligraphia. — Seis annos ; dez lições por semana, para os dois primeiros annos, — cinco para os quatro annos, — cinco para os quarto e quinto e tres para o quinto e sexto.

Orthographia. — Quarto anno, quinto e sexto ; quatro lições por semana.

Grammatica. — Oral, composição em dictado, desde o primeiro anno até metade do quinto ; com livro, desde a segunda metade do quinto anno até o fim do setimo ; cinco lições por semana.

Latim, Francez ou Allemão. — Oitavo anno ; cinco lições por semana.

Arithmetica. — Oral, durante o primeiro anno e o segundo, com o livro, do terceiro até o sexto anno : cinco lições por semana.

Algebra. — Setimo anno ; cinco lições por semana.

Geographia. — Lições oraes no segundo anno e durante a primeira metade do terceiro ; com o livro, da segunda metade do terceiro até o setimo anno ; cinco lições por semana, e tres lições por semana até o fim do oitavo anno.

Sciencia natural e hygiene. — Lições oraes, 60 minutos por semana ; oito annos.

Historia dos Estados Unidos. — Cinco horas por semana no setimo anno e na primeira metade do oitavo.

Constituição dos Estados Unidos. — Na segunda metade do oitavo anno.

Historia geral e biographia. — Lições oraes, 60 minutos por semana ; oito annos.

Cultura physica. — 60 minutos por semana ; oito annos.

Musica vocal. — 60 minutos por semana ; oito annos.

Desenho. — 60 minutos por semana ; oito annos.

Exercicios manuaes ou costura e cosinha. — Meio dia cada semana no setimo anno e no oitavo.

No relatorio da Repartição Nacional de Instrucção, para 1888-89, de uma lista colhida nas 82 mais importantes cidades da União, encontrou-se uma estatística accusando a somma de tempo consumida nos oito annos do curso elementar, com cada uma das materias que o constituem.

O numero total de horas de instrucção, durante os oito annos varia, nas differentes cidades, de 3000 a 9000, o que significa que cada alumno emprega mais ou menos uma média de 4 1/2 horas por dia, durante 200 dias em estudo ou exercicios de classe.

A somma de tempo empregada no estudo de linguagem escripta e cartographia varia de 300 a 1200 horas, com a média de 77 horas por anno, durante oito annos.

O tempo dedicado á leitura varia de 600 a 2000 horas, com a média de 150 horas por anno.

A geographia occupa de 200 a 1000 horas, com uma média mais ou menos de 60 horas por anno.

O curso de arithmetica recebe mais attenção do que o de qualquer outra disciplina, a somma de tempo empregada varia nas 82 cidades, de 600 a 2240 horas, com uma média de mais de 120 horas por anno. Nenhum outro paiz dedica tanto tempo á arithmetica.

A questão que, sobre o caso naturalmente se levanta, está em saber si um resultado correspondente se consegue no dominio desta materia difficil, e si tanta arithmetica não é antes prejudicial que util.

Passando da arithmetica á grammatica, achamos uma grande differença na attenção que o estudo desta disciplina merece actualmente, em comparação com a que recebia antigamente. Nas 82 cidades consideradas o estudo da grammatica technica substitue-se geralmente por "lições de linguagem". A grammatica propriamente dita, recebe, em média, 38 horas de estudo por anno, distribuidas pelo curso inteiro. E' evidente que o estudo de grammatica technica em nada é aproveitavel antes do setimo anno do curso, mas as lições de linguagem, que são dadas em todas as classes, apresentam resultados praticos altamente compensadores.

A historia, que nos dá conhecimento da natureza humana, como se manifesta em totalidades sociaes — tribus, nações e povo, — é um estudo usualmente collocado sómente no ultimo ou nos dois ultimos annos do curso elementar. Com a historia estuda-se geralmente a constituição politica do paiz, durante um quarto de anno.

Algumas escolas adoptam livros especiaes sobre deveres civicos e que servem para exercicios de leitura.

O ensino de canto está muitissimo generalizado por todas as escolas.

Ensina-se a cozinhar em New Hoven, Washington, D. C. Boston e muitas outras cidades.

O trabalho manual faz parte do curso, não só das escolas elementares americanas, como tambem de muitos institutos de ensino secundario e superior. Thomaz Jefferson o recommendava aos estudantes da Universidade de Virginia, e Benjamin Franklin o incluiu em seu plano para uma academia em Philadelphia.

Desde então uma propaganda activa se tem feito em favor do trabalho manual nos institutos de ensino, e muitos delles tiveram origem sob sua influencia.

O que agora é conhecido por « trabalho manual » liga-se a uma instituição russa, cujos resultados foram apresentados na exposição centenaria de 1876. A necessidade e conveniencia de exercitar a mão, foi reconhecida por homens como John D. Runkle e C. M. Woodward., que se tornaram partidarios da nova idéia e a introduziram nos institutos sob sua direcção. Entretanto uma forte corrente de opposição se manifestou durante algum tempo contra o exercicio manual que, por fim, se tornou popular nas escolas americanas, tendo feito constantes progressos em material, em methodo, e consequentemente em utilidade.

Nas escolas americanas o trabalho manual abrange todos os aspectos, variando desde o exercicio manual puramente educacional do collegio de professores em New-York, até á aprendizagem de um officio especifico em escolas profissionaes.

Em alguns Estados ha, a respeito, disposições legislativas. Massachusetts exige que toda a cidade de 20.000 habitantes para mais mantenha cursos de trabalhos manuaes, tanto nas escolas elementares como secundarias. Maine auctorisa qualquer cidade a fornecer instrucções em desenho mecanico e industrial a alumnos acima de 15 annos. Em alguns outros Estados o ensino industrial é auctorisado por leis geraes. Em Washington exige-se que o exercicio manual seja ensinado em cada escola, sob a auctoridade e direcção da Escola Normal do Estado.

A educação nos Estados Unidos é considerada como uma causa organica, como alguma cousa que pertence essencialmente á sua estrutura social e politica.

Daniel Webster exprimia de modo claro e incisivo a necessidade de ensino como pertencente á fórma e essencia do governo americano. Dizia elle: — « Da diffusão da instrucção pelo povo depende a conservação e a perpetuação de nossas instituições livres. Não temo do estrangeiro nenhum perigo para o nosso paiz. Nossa destruição, si vier, será de outra causa. Confesso que receio o perigo da desattenção do povo para com os actos do governo e de seu descuido e negligencia. Receio que tenha uma demasiada confiança implicita nos servidores publicos e que deixem de fiscalisar devidamente a sua conducta, podendo assim ser victima de homens de má fé, tornando-se instrumento de sua propria ruina. Tornae todos os cidadãos instruidos e todos serão vigilantes; dai-lhes os meios de descobrir o mal e elles applicarão o remedio. Estamos experimentando um governo do povo pelo povo, e sempre pareceu uma conclusão logica em todas as nações e em todos os tempos, que os

governadores de um povo devem ter a melhor educação attainivel. Disto naturalmente se conclue que todos os cidadãos de uma democracia devem ser educados e instruidos, pois são os proprios governadores.

Pela educação accrescentamos á experiencia propria a experiencia da humanidade. A propria experiencia é necessariamente parcial; insufficiente e superficial; a da raça tem milhares de annos de profundeza. Tal experiencia profunda e larga é o que chamamos — sabedoria. — Para impedir a criança de commetter custosos erros, nós lhe damos o beneficio de ver as vidas dos outros. O bom ou mau successo de nos os semelhantes instrue-nos muito mais do que as nossas experiencias proprias.

A escola procura communicar esta sabedoria de um modo systematico. Emprega os meios essenciaes para o seu trabalho em fórma de livros — manuaes, onde a experiencia da raça se se acha exposta de modo claro e summario, para que a criança possa comprehendel-a. Um professor dirige os seus estudos e a instrue nos methodos proprios a extrahir a sabedoria registada nos livros. Acima de tudo ensina-a a compreender o sentido dos textos e a criticar o que lê, tanto pela experiencia propria como por comparação com a experiencia alheia.

Em outras palavras: — a escola americana dá á criança o trabalho de alargar a sua pequenina vida, pela addição dos resultados melhores de outras vidas, mostrando-lhe convenientemente armazenada e systematizada a experiencia da humanidade.

O trabalho da escola leva a criança ao respeito de si propria, porque ella mede-se pelos seus semelhantes, tornando-se espiritualmente igual a elles pela acquisição de sua sabedoria. O respeito proprio é a base de todas as virtudes sociaes e a causa activa de desenvolvimento da capacidade de saber agir.

Webster chamou a escola publica gratuita «um systema sabio e liberal de policia, pelo qual a propriedade e a paz da sociedade são garantidas».

A escola faz com que as crianças, adoptando as fórmulas de pensamento dadas pelos professores e pelos livros que usam, dominem os seus impulsos pessoaes, para agirem segundo as leis e regulamentos; — dá-lhes o espirito de cooperação, levando-as a receberem auxilio dos outros, emquanto aos outros auxiliam; — fal-as despirem-se das suggestões egoisticas para preferirem acções baseadas em considerações aos interesses de outrem.

E' assim que um moço educado na escola é submettido a um systema de disciplina moral que o habitua ao dominio sobre si e á obediencia á ordem, tornando-se, a um certo ponto, conscio de dois seres em si — um immediato impulso animal, e o outro seu senso moral, de conformidade á ordem necessaria para a acção harmonica de todos.

Como conseguir e conservar a atenção

CAPITULO VIII

METHODOS DE CONSERVAR E ESTIMULAR O DESEJO DE SABER

(Continuação)

7. *O professor deve ter certeza de que os seus alumnos recebem idéas definidas do seu ensino.* — Uma das maiores difficuldades do professor é avaliar a fraqueza dos alumnos no seu alcance mental, e a falta de conhecimento extenso e definido. E' moralmente melhor professor o que tem o coração de criança combinado com o saber de homem. Aquelle é mentalmente o melhor professor que pode realizar mais claramente a sua propria condição mental de menino. As respostas em inglez *Como se ensina* e alocações semelhantes, servem para mostrar que acreditamos que as crianças têm noções bem imperfeitas sobre muitas cousas. As consequencias em empregar uma linguagem mal comprehendida pelos alumnos serão muito desastrosas por confundir o seu espirito e impedir a plenitude de interesse que é o maior estímulo da actividade mental. As crianças devem ficar acostumadas a dizer logo o sentido exacto de qualquer termo que não fôra bem comprehendido. Um professor ou pae prudente incitará as crianças a nunca passar por uma palavra ou sentença na leitura geral sem conhecer o sentido. A leitura de jornaes, de periodicos, ou de livros deve-se fazer com um dictionario á mão. Os conhecimentos que uma criança assim adquire são valiosos, e o exercicio que recebe é de muito mais importancia. Não deve haver nebulosidade ao redor dos assumptos de estudo até o ponto a que chegou a criança, si esperamos que continue a se interessar bastante para despertar uma somma sufficiente de actividade mental progressiva. Os alumnos devem ser exercitados a exprimir em fórma exterior nas ardosias, oralmente e de outros modos, as concepções que receberem, de modo que o professor possa ver claramente o que se acha no seu espirito. Então poderá apreciar as fraquezas do espirito das crianças e de seu proprio ensino. A tentativa de dar expressão a seus pensamentos em escriptos ou em desenhos ajudará a tornar claros para o proprio alumno os defeitos de suas proprias concepções acerca do assumpto. Este é um dos passos mais importantes do ensino por tornar o alumno ou a criança consciente de sua necessidade.

8) *Que haja certamens nos varios assumptos escolares.* — Quem não se lembra dos effeitos animadores das apostas em orthographia de seu tempo de menino? A sua atenção ficava tão intensamente concentrada no assumpto em mão, que homens adultos se lembram distinctamente das palavras erradas por elles e outros feitas em algumas apostas notaveis. Taes apostas podem se dar em revisão de outros assumptos escolares tão bem como em orthographia, e os seus effeitos em animar classes serão sempre proveitosos. Não devem ter logar em épocas marcadas, ou de modo formal e indifferente pelo professor, assim perderão todo valor e interesse.

9) *O professor deve interrogar emquanto ensina.* — Alguns professores só fazem perguntas quando fazem revisão.

Isto é um erro sério.

Uma das funcções de interrogar é, sem duvida, pôr o conhecimento á prova, mas é uma funcção subordinada. O ensino socratico, ou desenvolvimento por interrogatorio, é o methodo mais efficiente de ensinar. Não dá simplesmente informação; desperta o espirito dos alumnos á actividade, guia o espirito activo na aquisição de conhecimentos e põe o espirito abastecido das informações ensinadas. Desenvolve não só a actividade receptiva como a productiva.

«Aquelle que communica conhecimentos ao espirito humano é um bemfeitor; mas muito maior é aquelle que, para dar conhecimentos, incita o espirito á actividade e fertilidade. O verdadeiro processo de ensinar envolve o poder de estimular o intellecto e, no modo de processar o professor anima as faculdades intellectuaes, á actividade propria no que ensina; e, para ser realmente efficiente deve conduzir os cursos pelo pensamento, pelo sentimento, pelo fim e acção, que são os devidos productos da verdade ensinada».

Os professores precisam falar e explicar pouco e extrahir mais. Interrogar do conhecido para o desconhecido, soldam os anneis da cadeia do saber e á medida que se formam, tornam-se completas as noções adquiridas e não meros factos isolados. Assim tem o alumno um poder consciente de vencer difficuldades por si.

As seguintes regras devem se observar quando interrogar:

- 1) Não se deve interrogar em rotação.
- 2) Não se deve apontar para o alumno que se quer que responda a pergunta.
- 3) Não se deve olhar fixamente para o alumno durante a pergunta.
- 4) Deve-se fazer a pergunta á classe inteira e depois pedir a resposta a um só.

5) Não se deve esperar um instante pela resposta quando passada em revisão a maioria dos assumptos.

6) Não se deve olhar fixamente para o alumno que responde.

7) Não se deve repetir a pergunta para satisfazer aquelles que não estavam attentos.

8) Não deve deixar de interrogar aquelles que se acham distrahidos.

9) Deve interrogar mais os alumnos timidos e atrazados.

10) Deve fazer perguntas aos alumnos pouco intelligentes ou timidos.

11) Deve experimentar respostas simultaneas para vencer a timidez e a hesitação.

12) Deve, de vez em quando, fazer perguntas ellipticas, alternativamente, ou suggestivas para desenvolver o habito de responder.

13) Deve variar o methodo de perguntar.

14) Nunca deve procurar atrapalhar alumnos ingenuos.

15) Nunca deve ridicularizar uma resposta, quando dada com sinceridade.

16) Nunca deve ajudar o alumno que esteja respondendo.

17) O professor deve ser vivo. Não deve demorar entre uma resposta e a seguinte pergunta.

10 — *O professor deve mandar os alumnos se interrogar reciprocamente.*—As luctas que despertam o mais alto gráu de actividade mental da parte dos alumnos são as luctas effectuadas entre si. Limitando-os ao trabalho ensinado, e dando-lhes aviso prévio, taes exercicios produzirão os resultados mais satisfactorios.

Em alguns assumptos é um bom plano preparar uma série de perguntas para os alumnos, incluindo o trabalho já feito. Estas não se devem dar para que os alumnos meramente preparem as respostas que possam recitar como papagaics. Devem simplesmente os guiar para que as suas sentenças sejam completas. Isso exercital-os-á a conseguir comprehensão prompta e definitiva. Poucas pessoas podem ler um livro novo e, quando chegam ao fim, fazer uma exposição clara do assumpto lido.

11 — *Que os alumnos interroguem o professor.*—Os alumnos devem ser sempre animados a pedir explicações de problemas não resolvidos no espirito. O habito de indiferença aos esclarecimentos que recebemos a respeito de nossa falta de conhecimento sobre assumptos importantes tem effectos destructivos na actividade e no desenvolvimento mental. E' um mal perder este instincto, e os methodos escolares são maus ou fracos, si deixam de tornar este instincto em habito consciente. Si os

alumnos não fazem perguntas a respeito de um assumpto, é porque o assumpto não interessa. A sua attenção deve ser activa, não meramente passiva.

Para desenvolver o habito de perguntar nos alumnos, é bom dedicar os primeiros cinco minutos da lição em alguns assumptos a interrogar. Os alumnos logo aprenderiam a notar os problemas que se levantam no seu espirito durante o estudo, e aos quaes por si não acham resposta. O habito de fazer isto é o unico meio de estimular a tendencia para a investigação e de transformar o instincto de se informar em uma procura consciente da verdade.

12 — *O professor deve empregar illustrações.*—As illustrações attrahem a vista e excita a imaginação.

As seguintes appellam para a vista :

a) Illustração pelo quadro negro.

b) Illustração pela estampa, pelo mappa e pela cartilha.

c) Illustração por modelos.

d) Illustração por objectos.

e) Illustração por experiencias.

f) Illustração dramatica.

a) A illustração no quadro negro é talvez mais util do que qualquer outra especie de illustração, a não ser aquella actualmente feita pelos proprios alumnos. Todo professor pode empregar-a ; nenhum deve querer ensinar sem ella.

A sua superioridade sobre outros methodos de illustração consiste principalmente no facto que o trabalho se desenvolve á vista dos alumnos. Elles vêm como é feita e ajudam a fazel-a, ou usando o giz, ou fazendo suggestões, passo a passo, de que se deve fazer em seguida. O professor que apresenta aos seus alumnos uma illustração acabada enfraquece o seu effecto pela metade. Tambem não deve desenhar uma illustração completa, na presença dos alumnos, sem explicação a elles, ou pedindo auxilio da parte delles a cada passo. Alguns professores completam a solução de um problema no quadro negro, quando illustrando uma nova regra em arithmetica ou em algebra, sem falar ou olhar para a classe até a acabar. Então voltam-se e dão a explicação em uma pergunta esteriotypada: «Vedes»?

Deve-se praticar as seguintes regras na illustração no quadro negro :

1.º E' preciso classificar em ordem logica os passos no processo do pensamento.

2.º E' preciso numerar os varios passos por algarismos ou letras.

3.º Os passos na illustração devem ser dados á medida que o pensamento se desenvolve.

4.º Quando illustrando caracteristicos distinctivos, peculiaridades de desenvolvimento ou de construcção etc., no ensino da botanica, da zoologia, da historia natural, etc., deve exaggerar as partes especiaes a que se quer dirigir a attenção.

5.º Em resolver um problema, em fazer um diagramma, em desenhar um mappa, em explicar a construcção de uma machina, em illustrar a botanica ou a zoologia, de facto, em toda especie de trabalho no quadro negro, cada alumno deve reproduzir na ardozia ou em papel o que o professor faz, parte por parte. Nenhum outro meio de illustração póde definir e gravar conhecimentos, ou exercitar os poderes observadores tão completamente como este.

b) A illustração por estampa, mappa e cartões pode-se empregar em conjuncto com a do quadro negro, tanto antes como depois, para dar uma idéa correcta de cousas reunidas e para em alguns casos mostrar o colorido, etc. Devem ser empregados, tambem, para por á prova a exactidão do trabalho feito pelo professor e os alumnos.

Por exemplo: Quando um mappa geographico esteja esboçado, deve ser comparado em seus contornos principaes com o mappa original, para ver si os pontos essenciaes estão na devida relação uns com os outros. Cada alumno deve ter o seu proprio mappa e fazer as suas proprias comparações.

c) A illustração por modelo é empregada por alguns professores cortando as formas de objectos ou de suas partes em papel pardo ou algum material semelhante. Uma boa collecção de illustrações de formas de cousas pode-se fazer assim: Modelos de machinas, das partes do corpo humano etc. Bons professores, usualmente, em vez de comprarem estas collecções, procuram fazer elles mesmos a maior parte de seus modelos.

d) A illustração por objectos não se deve confundir com lições de cousas, como esta expressão se emprega no sentido tecnico. Em uma lição de objecto examina-se um objecto com interesse proprio, na illustração por objectos o objecto meramente representa alguma cousa. Nas arithmetica, por exemplo, os páuzinhos, as ervilhas, os botões, etc., ou qualquer outro objecto que se empregar, geralmente representa uma unidade. Em toda illustração objectiva, o professor deve procurar que cada alumno possua o material necessario para elle mesmo fazer as illustrações.

e) A illustração por experiencia deve ser conduzida, quanto for possivel, nos mesmos principios que a illustração por objecto. Produz os maiores resultados quando cada alumno faz elle proprio as experiencias descriptas pelo professor. Si isto não se pode fazer, os alumnos, a menos que a classe seja grande de-

mais, devem auxiliar o professor, cada um tomando parte em preparar a experiencia.

f) A illustração dramatica quer dizer representação por acção. O professor vivo e energico emprega este methodo de illustração em grande escala e, sendo apropriada, auxilia muito a transmissão de conhecimentos. E' muito util dar idéas de forma, tamanho, direcção, movimento, etc. Qualquer que viu um surdo-mudo dirigir-se a um auditorio por signaes, deve ter observado a que ponto a acção pode substituir a fala. Um bom professor sempre deve se servir das mãos e dos braços tanto para illustrar como para dramatizar o que diz á classe. Em toda especie de illustração que appella para a vista, é bom guardar as estampas, cartões, mappas, modelos, objectos, aparelhos etc., occultos quanto possivel até a occasião de se empregar. Isto estimula a curiosidade dos alumnos e impedem distracção de sua attenção. Mostrar estampas logo, ou apresentar o spectaculo de uma mesa coberta de aparelhos, é um bom meio de conseguir attenção para as estampas ou para os aparelhos, mas com isto pode-se tornar mais difficil que concentrem a attenção na propria lição.

13 — *Illustrações que appellam para a imaginação.* — Todas as especies de illustrações são auxilios á imaginação, historias, incidentes, experiencias pessoaes, descripções de acções nobres, appellam directamente á imaginação, e dependem só da imaginação para as concepções que devem produzir no espirito. Estas illustrações são de grande utilidade em tornar reaes as nossas idéas de pensamento abstracto. Definem e fortificam as concepções do justo e injusto, associando-as com realidades practicas e vivas. Como as illustrações que examinamos com o olhar, servem para tornar claras e abstracções de verdade quanto ao facto, as illustrações em forma de historias torna clara a verdade abstracta quanto ao dever.

Como o objecto incorpora o facto, assim as historias incorporam o dever, apresentando o dever, não como uma theoria, mas como uma realização. Não appellam meramente ao sentimento e ao pensamento, mas estimulam a actividade propria.

Apresenta o dever a sequencia completa da actividade moral e mental: sentimento, pensamento, decisão, acção.

Em reforçar a sua natureza moral por historias, deve-se permittir que o alumno faça a sua propria parte do trabalho. O alumno deve descobrir os factos em uma lição objectiva, deve tambem descobrir a moralidade de uma historia. O professor não deve apontal-a. A "moralidade da historia" não deve ser definida, a não ser que possa ser posta immediatamente em pratica.

(Continuará)

Curso de philosophia e psychologia

A PSYCHOLOGIA PATHOLOGICA DE PIERRE JANET

Primeira e segunda lição no
amphitheatro da Escola Normal

POR G. DUMAS

Os estudos psychologicos são, á hora actual, muito cultivados em França; si quizessemos falar de todos os sabios que se occupam de psychologia, e tivessesmos de resumir os seus trabalhos, não seria uma lição, mas um curso inteiro que lhes teriamos de consagrar.

A introspecção, isto é, a observação dos factos psychologicos pela consciencia, deu origem a diversas obras notaveis, de que a mais célebre é o livro de Egger sobre a palavra interior. E, na verdade, é esse o methodo, por assim dizer, preliminar, empregado por todos os psychologos, por isso que é impossivel fazer-se idéa dum facto psychologico, si não o conhecermos, pelo menos, sob a sua fórma rudimentar, pela consciencia.

A psychologia, que estuda a relação das excitações com as sensações e as reacções motoras, manteve com a escola de Binet um certo numero de promessas; mas parece tornar-se, de alguns annos para cá, mais o apanagio dos physicos e dos psychologistas do que dos psychologos propriamente ditos, e esta evolução não deixou de ser muito aproveitavel ao seu desenvolvimento; os psychophysicos francezes são, actualmente, physiologistas como Victor Henri e Pieron, physicos como Broca e Charpentier, de Nancy.

A psychologia cerebral, inaugurada por Gall e continuada por Comte, seguiu, para seu maior bem, uma evolução analogá; e são puros physiologistas como François-Franck ou clinicos como Pierre Marie, que a cultivam.

A psychologia pathologica ficou sendo dominio dos psychologos profissionaes; para a estudar, porém, com competencia e com factos, tiveram de fazer, em maioria, estudos philosophicos e estudos medicos. Entre elles, podemos contar, na actualidade, uma dezena de doutorandos em philosophia que são doutores em medicina; estudaram, especialmente, a vida affectiva, a vida motora, os phenomenos da memoria, da vontade, o subconsciente; e o melhor dos nossos conhecimentos psychologicos deiles nos provém.

Por outro lado, a escola sociologica de Durkheim e a escola de psychologia social de Tarde, pelos seus estudos sobre o mysticismo, o suicidio, e imitação, a criminalidade e a linguagem, contribuiram poderosamente para os progressos da psychologia; pode-se dizer, hoje, que o principal campo de trabalho para os psychologos francezes é a psychologia e a pathologia, e a grande fonte de informações com que completam os seus proprios estudos é a sociologia e a psychologia social.

Falarei brevemente da sociologia franceza e do seu principal representante E. Durkheim; agora, limitar-me-ei á psychologia pathologica.

Esta sciencia, cujas origens são mui antigas, entre nós, e se podem, sem exaggero, ligar a Descartes, foi scientificamente fundada, em França, por Th. Ribot, que lhe formulou o methodo, ao passo que, pelas suas bellas obras, hoje classicas, sobre a memoria, a personalidade, a attenção, os sentimentos, a vontade, dava modelos para o estudo methodico dos factos. Depois de quarenta annos de producção scientifica, está ainda em plena mocidade intellectual e em plena actividade. Si escolhi Pierre Janet para expôr a sua obra e as suas idéas, foi porque a obra de Th. Ribot é conhecida de todos e tambem porque a obra de Pierre Janet, pelo seu character systematico, se presta melhor á exposiçáo oral.

Pierre Janet, professor de philosophia no Collegio de França, tem hoje 54 annos; aos 20 tinha desejo de ser universitario de carreira, pois entrou para a Escola Normal Superior, em 1879; mas em 1885, no Havre, as relações que se estabeleceram entre elle e o dr. Gibert, e o estudo curiosissimo de desdobramento da consciencia, orientaram-n'o para a psychologia pathologica e medicina nervosa. E', actualmente, um dos medicos mais conhecidos de Paris e ao mesmo tempo um psychologo. Publicou, successivamente, e nestes vinte annos, o *Automatismo psychologico*, *Estado mental dos hystericos*, *Nevroses e idéas fixas*, e *Obsessões e psychastenia*; está preparando uma volumosa obra de psychotherapia. Os seus trabalhos e doutrinas podem agrupar-se nas duas divisões; a hysteria e a psychastenia.

Toda a gente conhece a crise que está atravessando a theoria classica da hysteria edificada por Charcot, e sua escola. Consoante esta theoria, distinguam-se na hysteria estigmas fundamentaes e permanentes como a hemianesthesia sensitivo-sensorial, restricção do campo visual, etc., etc., accidentes passageiros, polymorphos, táes como as crises, os ataques, as hemiplegias, as diversas contracturas, as paralisias oculares pupillares, as perturbações cutaneas e vaso-motoras, etc.

Babinski, por communicações que tiveram grande eco, minou, vae para dez annos, esse velho edificio; começou por mostrar que é em virtude de observações mal feitas ou de erros, que se attribuíram á histeria perturbações reflexas ou perturbações cutaneas, vaso-motoras e thermicas. Depois, invertendo a distincção dos estigmas e dos accidentes, mostrou que uns e outros são resultados da suggestão ou da auto-suggestão, conseguindo assim resumir toda a histeria, toda ou, pelo menos, o que della conservava, á suggestão.

Esta these estava em manifesta opposição com certos factos, que se consideravam bem estabelecidos desde Charcot, porque se julgou ver individuos fazerem anesthasias, contracturas e accidentes hystericos em seguida a traumatismos emocionaes. Babinski não contestou expressamente as observações desse genero, mas sustentou que uma emoção sómente podia provocar accidentes hystericos, nos individuos, aliás, predispostos, si entre a emoção e o accidente se intercalassem quer suggestões involuntarias do medico, quer auto-suggestões, que o doente vae basear nas suas recordações, nos seus desejos ou nos seus receios. A emoção não exercia, nesse caso, sinão influencia preparatoria, enfraquecendo a resistencia mental do individuo e augmentando a sua receptividade.

Em presença desta these, Janet, que pertencia á escola de Charcot e sustentara e representara as principaes doutrinas, teve de defender, precisando-as, as idéas que lhe eram caras, e fê-lo, com o seu habitual talento de exposição, no seu ultimo livro — *As nevroses*.

Para elle, a emoção pode produzir sem suggestões intercaladas, directamente, agindo sobre as funcções menos resistentes, perturbações hystericas como a paralyisia ou o mutismo, etc.; mas concede, de boa vontade, que o grande symptoma mental da histeria é a suggestão; e lembra toda a importancia que ligava a esse phenomeno, nos seus primeiros estudos. Sem assemilhar a histeria e a suggestão, como faz Babinski, mostra-se disposto a dar um largo logar á suggestão; não julga, porém, possível falar de suggestão sem falar da disposição de espirito, que torna possível a suggestão nos hystericos, a suggestividade. Existem, pois, nesses doentes, accidentes passageiros, suggestões ou auto-suggestões e ao mesmo tempo um estado permanente de suggestividade. E, dessa maneira, estabelece-se de novo a velha questão dos estigmas, pois que a suggestividade é o estigma fundamental.

Demais, a suggestão, tal qual se manifesta no hysteric, afigura-se a Janet ser um phenomeno muito particular, muito especial, sem analogia com a persuasão, a demonstração e todos

os processos normaes por que um espirito age sobre outro. Nas suggestões, uma idéa concebida pelo doente não fica inerte, abstracta, contrabalancada e limitada por outras idéas e outras tendencias; torna-se, depressa, um acto, uma percepção, um sentimento e acompanha-se das modificações correspondentes do corpo. A idéa duma paralyisia, a idéa dum demonio tentador, torna-se uma allucinação visual, e si esse desenrolar automatico de idéas, de sentimentos e de actos apresenta o seu caracter de acabamento e de perfeição, é porque se realiza fóra da consciencia pessoal, que se encontra assim restringida, emquanto se formam fóra della centros de consciencia ou de sub-consciencia.

A theoria da suggestão completa-se para Janet por uma theoria da suggestividade, do estreitamento da consciencia, do sub-consciente, da desagregação mental; e esta theoria, baseada num consideravel numero de factos, é hoje a mais geralmente aceita.

A theoria da histeria é, em Janet, uma concepção meio pessoal e meio herdada de Charcot; a theoria da psychasthenia é uma verdadeira criação.

A PSYCHASTHENIA

Antigamente, descreviam-se entre as doenças mentaes uma loucura de duvida, uma loucura impulsiva, multiplas phobias; e, si bem que certos alienistas como Magnan reunissem os hesitantes, os impulsivos e os phobicos, sob o nome, um pouco vago e bastante classico, de degenerados, não se havia feito, antes de Janet, a synthese psychologica e mental dessas tres doenças. Foi o que Janet fez nos dois grossos volumes sobre as obsessões e a psychasthenia.

Mostrou que as obsessões, as impulsões e os sentimentos caracteristicos que se prendem ás obsessões, sob o nome de phobias, estão em relação com estados de depressão continua ou paroxystica, e constituem, de ordinario, phenomenos de derivação, isto é, fazem ás vezes de actos mais complicados, voluntarios, adaptados, que o individuo não está em condições de executar, consequencia da depressão abulica em que se encontra.

O individuo doente, o psychasthenico, é, com effeito, victima duma depressão real, dum mal estar das suas funcções mentaes e, especialmente, duma funcção que Janet considera capital e denomina—funcção do real. Esta funcção, em geral, sobrepõe-se a todas as funcções para lhes dar um coefferente de realidade; é um acto muito differente, tanto como riqueza e

complexidade, de imaginar pelo prazer de imaginar, ou imaginar com a intenção de crear realidades coerentes, de explicar o presente ou prevêr o futuro. E' cousa muito diversa pensar com o desejo de resolver um problema urgente, com o vivo sentimento do presente ou do real, e pensar por pensar, uma especie de entretenimento logico do espirito. Por outras palavras, ha uma actividade mental, adaptada e rica, e uma actividade mais pobre e desinteressada, que é intermediaria entre a actividade precedente e o automatismo mental do sonho ou da divagação; o psychasthenico, no sentido de Janet, sómente pode exercer a actividade desinteressada ou automatica, por causa da sua insufficiencia mental.

Incapaz de acção mental e de pensamento adaptado, traduz a inquietação, que soffre, e a sua vaga necessidade de acção, accetando obsessões e impulsos que, paralyndo-lhe a vontade consciente, lhe apparecem como sufficientes explicações da sua abulia, da sua miseria, e lhe dão a illusão de que seria normal e são, si dellas ficasse livre. Todas as vezes que se sente infeliz, incompleto, verifica si a sua obsessão ou a sua impulsão existem de facto; apega-se a ellas, remeche-as com prazer e dôr, como se irrita um dente cariado, e acha, nesta verificação, uma satisfação muito especial, que faz com que elle ame as suas obsessões e as suas impulsões, ainda que este amor se lhe afigure paradoxal.

Janet chega assim a formular uma lei geral, segundo a qual as obsessões, as impulsões e as phobias do psychasthenico seriam a consequencia do rebaixamento do seu nivel mental e da perda da funcção geral do real, como as contracturas, as paralyndias, as anesthesias do hysterico são consequencias da restricção da consciencia central.

Si considerar que a theoria de Janet sobre a hysteria continúa e completa a de Babinski mais do que a contradiz, acredito que esta theoria é, actualmente, a mais profunda que se possa apresentar, e o seu successo, a certos respeito, é uma garantia do seu valor. A theoria da psychasthenia, muito mais complicada, muito mais cerrada, não soffreu ainda a prova do tempo; mas, desde já, pôde-se augurar que, nas suas proximas obras, o autor insista mais nos caracteres proprios da depressão psychasthenica e distinga melhor, por isso mesmo, esta depressão de todas as demais fórmias de depressão nervosa, que se encontram na pathologia mental e nas quaes não se constata, nem obsessões, nem impulsões, nem phobias.

Esta summaria exposição apenas pôde dar uma imperfeita idéa da psychologia de Pierre Janet; para ser completa necessitamos de estudar as theorias da vontade, da attenção, do

conhecimento, dos estados affectivos, da percepção, que elle teve ensejo de edificar consoante as suas observações de hystericos e de psychasthenicos, e de conformidade com as suas doutrinas geraes.

Si quizessemos systematizar essas doutrinas, poderiamos dizer que ellas se estenderam quer ao automatismo mental, como se revela na hysteria, quer á lucta do automatismo e da vontade, como se manifesta na psychasthenia.

Vê-se, assim, quanto esta psychologia é constructora; o que, porém, não se pôde vêr, por este resumo, é a riqueza de observações com que Janet sustenta e apoia as suas longas syntheses. Pelas suas tendencias construidoras, Janet permanece philosopho; mas é, ao mesmo tempo, um observador penetrante e tenaz. Doentes houve que elle acompanhou, cinco e seis annos, e cada uma das suas theorias se baseia sobre centenas de observações clinicas.

Explica-se assim a dupla influencia que elle exerce sobre philosophos profissionaes e sobre medicos, e que fazem delle, depois de Ribot, o mestre incontestado da psychopathologia franceza.

O ESPIRITISMO

A questão do espiritismo permite fazer uma applicação das theorias de Janet, e que acabo de expôr, sobre a desaggregação mental e o desdobramento da personalidade.

A questão é muito antiga; mas estabeleceu-se, com particular precisão, pelos meados do seculo passado, por occasião do facto bem conhecido das mesas girantes. Uma vez, uma só pessoa applica as mãos na mesa e esta gira sobre si mesma; outras, varias pessoas apoiam as mãos numa mesa redonda, de maneira a estabelecer uma cadeia continua, tocando-se os dedos, e acontece que a mesa adquire um movimento de rotação. Nos dois casos, o movimento produz-se sem que as pessoas, que tocam a mesa, tenham consciencia de o querer produzir. Por meio de signaes de convenção, pancadas dadas pela mesa, pôde-se entrar em communicação com o movel, fazer-lhe perguntas, dar-lhe ordens e travar verdadeiras conversações.

Bem depressa se aperfeiçoaram esses processos de communicação, servindo-se de mesas leves e adaptando-lhes aos pés um lapis; e a mesa pode escrever directamente as respostas; por fim, notou-se que, entre as pessoas presentes, nem todas representavam igualmente um papel importante. umas podiam retirar-se sem que o phenomeno final fosse modificado; outras, porém, eram indispensaveis para obter os movimentos das mesas. A estas pessoas deu-se o nome de mediums.

Estes mediums, mais ou menos poderosos, segundo as suas aptidões, acabaram por operar sósinhos. Limitavam-se a apoiar as mãos sobre uma prancheta munida de lapis; ou até a segurar directamente o lapis, mostrando-se surprehendidos ao lerem o que tinham escripto sem saber e sem querer.

Deante dos factos deste genero, a these espirita consiste em invocar, a titulo de explicação, a existencia, a presença e a manifestação de espiritos; e os espiritistas estão persuadidos de que as almas dos mortos voltam a este mundo para aconselhar, dirigir e instruir os homens.

A psychologia acreditou, durante algum tempo, poder responder-lhes com as celebres explicações e experiencias de Chevreuil, que datam de 1857. Chevreuil não conhecia ainda, como nós hoje conhecemos, os diferentes effeitos das imagens sobre os movimentos; possuia, porém, bastante experiencia das cousas do espirito para saber que, pensando-se em realizar um movimento, se começa sempre mais ou menos a realização, e que entre certos individuos, especialmente impressionaveis, a idéa dum movimento, a representação dum movimento basta para o realizar por completo.

De posse desta constatação, julgou poder explicar o phenomeno das mesas girantes como o phenomeno, muito analogo, do pendulo explorador. Quando suspendemos dentro dum vaso de crystal um pendulo, basta, nota Chevreuil, pensar que o pendulo vae começar a oscillar, batendo nas paredes do vaso, para que o pendulo execute esse movimento. E si lhe perguntarem, por exemplo, a idade duma pessoa presente ou a data dum facto historico, somos nós que respondemos, sem dar por isso, com as pancadas do pendulo. Do mesmo modo, quando a mesa responde ás perguntas que se lhe fazem, e, si a mesa gira ou faz signaes, é porque uma das pessoas, que apoia as mãos á mesa, lhe imprime os movimentos, de que tem a representação viva e activa.

Os espiritas não tiveram grande difficuldade em mostrar nas suas obras quão superficial era esta explicação do grande sabio, e, portanto, insufficiente; fizeram notar que, muitas vezes, as mesas respondem sem que o medium saiba o que ellas respondem, que a mesa póde ser espirituosa quando o medium tem o espirito obtuso, que a mesa póde ser instruida e o medium ignorante, que póde citar datas ou contar factos de que o medium não tem idéa alguma, que muitas vezes se revolta contra elle, injuriando-o, invectivando-o. Nestas condições, é inteiramente impossivel explicar o phenomeno das mesas girantes pelo mecanismo simplista, que Chevreuil invocara. Pelo contrario, todas as particularidades, que acabo de citar, lhes pareciam demonstrativas da presença e da manifestação dum espirito.

Convém reconhecer que a attitude dos espiritas não deixava de ter uma certa logica, e os protestos do marquez de Mirville contra as explicações de Chevreuil eram plenamente justificados. E' bem certo, com effeito, que não existe entre o pensamento do medium e o das mesas a harmonia, a identidade que o celebre physico suppuzera, assim como tambem é certo que, si a sciencia quizesse oppôr uma explicação á dos espiritas, devia achar outra cousa.

O que Chevreuil ignorava e hoje conhecemos, graças aos trabalhos de Charcot e de Janet, são os phenomenos de desagregação mental. «O caracter essencial desta desagregação, diz Janet, é a formação no espirito de dois grupos de phenomenos. Um constitue a personalidade ordinaria; o outro, susceptivel, aliás, de se subdividir, forma uma personalidade anormal, differente da primeira e de que esta tem, apenas, conhecimento muito incompleto, quando até não a ignora de todo.» Nos casos do pendulo explorador e das mesas girantes, é esta segunda personalidade que se desenvolve; e, quando a primeira a ignora completamente, o que em regra se dá, pode muito bem ficar sinceramente estupefacto ao receber, por intermedio do pendulo ou das mesas, informações que julgava ignorar. E' da sua memoria subconsciente, da sua experiencia passada e esquecida, que lhe provêm, pelo pendulo e pelas mesas, as revelações que lhe causam admiração.

Semelhante explicação suppõe que todos os mediums apresentam phenomenos de desagregação mental e de dupla personalidade. Foi em fazer esta prova que os medicos partidarios da theoria de Janet se occuparam e parece que, sobre este ponto, os inqueritos possuem o maximo de verosimilhança, sem que a boa fé ou a honorabilidade dos mediums tenha de soffrer — antes pelo contrario, com esta demonstração.

Suppõe, ainda, a explicação psychologica que a memoria subconsciente do medium basta para dar conta das revelações mediumnicas mais surprehendentes e inesperadas; por exemplo, si as mesas falam uma lingua desconhecida do individuo, é que este a conheceu e se esqueceu della; ou ainda, si as mesas dão uma data exacta e ignorada pelo medium, é porque este teve já occasião de a conhecer.

Sobre este ponto, qualquer demonstração perfeita é difficil; a experiencia crucial, que já foi tentada sem successo, consistiria em alguém encerrar num envelope lacrado e sellado, o texto de uma comunicação, só dessa pessoa conhecida, e revelar, depois de sua morte, o conteúdo do envelope a experimentadores que poderiam, abrindo o envelope, certificar-se da objectividade e da verdade da comunicação. A falta desta

experiencia crucial, os espiritas trazem-nos observações e multiplas experiencias, de que nenhuma dellas, a meu vêr, pode ser considerada convincente; muitas vezes vi a psychologia, a analyse da memoria subconsciente e da experiencia passada dar plenamente conta dos factos, como na bella observação de Flournoy, a que já me referi.

Inclino-me, pois, pelas razões de critica e de experiencia, e pelas razões theoricas mais geraes, para as explicações psychologicas; não acredito na these espirita. Ha muito tempo, porém, que me guio por dois principios, sobre os quaes Flournoy fundou, mui justamente, a sua philosophia do supernatural. O primeiro, formulado por Shakespeare e que o poeta pôz na bocca de Hamlet: «O mundo é maior do que a minha philosophia.»

Desprezando-o, arriscamo-nos a sermos um pontífice ou um sectario, e negarmos, em nome da Sciencia, com S maiusculo, o que amanhã a experiencia descobrir. O segundo principio, que se pode chamar de Laplace, é o seguinte: «O peso das provas deve ser proporcional á extranheza dos factos.» A ignorancia ou o desprezo deste principio faz confundir o possível, o impossível até, com o certo; e, nesse caso, a direcção da nossa logica passa da razão ao sentimento, ao desejo, á esperanza.

O mais prudente, parece-me, é seguir aqui o conselho de Hamlet e o conselho de Laplace.

DR. G. DUMAS.

Theoria e pratica do desenho

N. M. E. N. S.

«O desenho é, com justo titulo, um instrumento valioso para a transmissão do pensamento.

Pôde-se mesmo afirmar que um professor habil em desenho tem consigo o mais importante dos instrumentos de ensino».

Estas palavras de Parker valem mais que as melhores razões que eu poderia apresentar para convencer, a quem duvidasse, da necessidade do desenho no ensino. Mas estou dispensado de o fazer, tanto mais que ninguem hoje ignora essa verdade.

Do que vamos tratar é do método que deve ser applicado nesta arte necessaria á educação. Dispensamo-nos tambem de justificar esta ultima affirmativa porque é outra verdade que está bem clara e não precisa de explicação.

Basta considerar que o desenho se applica em quasi todas as profissões, e é tão preciso para o artifice como para o homem de sciencia; é uma arte universal. Podemos até admittir-o como um dos fundamentos da instrucção elementar e dizer que todo o cidadão deve saber, pelo menos, ler, escrever, contar e desenhar.

Esta questão de método de ensino de desenho tem sido muito debatida e caso analogo vem se dando com os chamados methodos de ensino de leitura.

Porém, temos observado que os chamados métodos naturaes, ou analyticos, são os que vão seguindo na sua marcha triumphal e têm demolido todos os velhos processos rotineiros que espiritos obstinados não vêm, ou não querem ver, quanto são atrasados e contrarios á verdadeira educação.

Tambem muito mal decorre de uma especie de contraste que se tem estabelecido entre os chamados métodos naturaes e os métodos racionaes.

Digamos com franqueza que jámais logramos comprehender os motivos de tal distincção. Por mais que insistam, nunca conseguiremos admittir essa antinomja tão singular! Ora, senhores, que é que faz um método natural que não seja tambem racional?!

Uma discussão a esse respeito a ninguém aproveita; entremos, pois, francamente no assumpto que vamos examinar.

Antes de mais nada lembremo-nos de que os métodos de desenho estão filiados aos métodos geraes do ensino. Como acontece com a leitura, devemos partir do todo para a parte, isto é, devemos, adoptar o método analytico para o seu ensino.

Um grave erro, que resulta de uma falsa analogia, é suppor-se que o processo de desenvolvimento geométrico seja similar aos exercicios gradativos applicados á arte do desenho.

A Geometria é uma sciencia toda ella abstracta, que tem por objecto a medida da extensão e todas as suas figuras são construidas no espaço. Seus pontos, linhas e superficies são elementos theoricos, sem existencia real.

Coisa bem diversa é o desenho que tem por objecto reproduzir no papel as impressões luminosas da retina. As linhas neste caso, não são mais do que limites de separação da luz e sombra; os pontos, geralmente servem para representar os focos distantes ou para dirigir os traços; as superficies são simples gradações de luz.

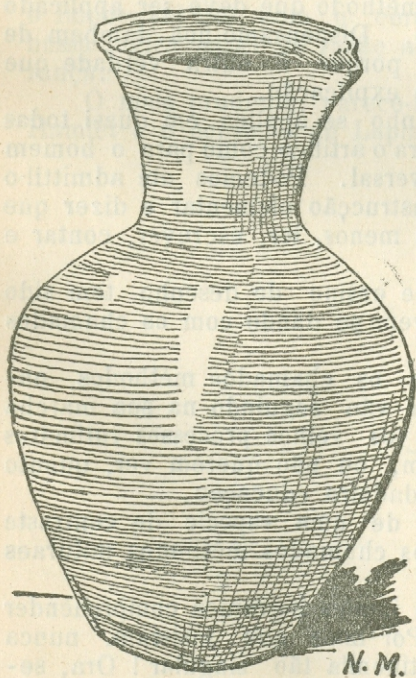


Fig. n. 1

O desenho é o auxiliar da geometria pratica, e não é esta que nos leva a aprender o desenho.

Um bom géometra, pôde ser um óptimo calculista theórico e não saber desenhar. E vice-versa, um bom desenhista pôde nada saber de geometria.

Nada ha que justifique esse mau systema de fazer a criança traçar linhas rectas e curvas, angulos, ovaes, ou elipses para só depois apresentar-lhe os objectos.

Tudo isto se faz a pretexto de lhe dar alguma habilidade manual, mas são falsas apreciações e nada mais. As linhas rectas, as curvas regulares se fazem com instrumentos apropriados, e nenhuma vantagem ha em taes habilidades.

Adiante diremos algo a proposito dos instrumentos de desenho.

Demais, linhas simples e angulos não significam coisa alguma para a intelligencia de uma criança; são como as letras e syllabas dos métodos de leitura antigos, que seguem os processos de soletração e syllabação.

Outro erro, mais deploravel ainda, é a adopção de séries modelares de cadernos com desenhos para cópias.

Em primeiro logar observaremos que as crianças têm tanta difficuldade para desenhar as figuras simples como para as complexas e até é mais difficil de se obter um bom trabalho com as primeiras. Inuteis são, portanto, taes exercicios graduados. Em segundo logar, precisa-se ter em vista que o desenho é uma verdadeira composição que deve ter o cunho da originalidade, e por isso de nada valem as cópias de um desenho já feito.

Que se diria da cópia manuscripta tirada de uma composição litteraria de um livro por um alumno qualquer, senão que valeria apenas como um exercicio calligraphico!

De mesmo servem os desenhos copiados de outros, ainda quando sejam ampliações ou reduções. Meros traslados e nada mais.

Pela mesma maneira que um menino descreve uma casa, uma flôr, ou qualquer objecto de uma composição escripta, assim deve desenhar o que tem diante dos olhos.

Pouco importa as imperfeições ou deformidades que invariavelmente acompanham as primeiras provas. O que se quer é educar a vista e desenvolver a intelligencia. A escola não visa preparar artistas, porém educar o cidadão para a vida pratica.

A unica precaução util e necessaria é a de evitar para as primeiras lições os objectos de fórmulas demasiadamente complicadas. Posto isso, e para não sacrificar o interesse da criança, deixemos ao seu bel prazer a escolha do objecto que tenha de desenhar. Será um lapis, uma casa, uma flôr, um trem, um cavallo, uma bola, o que quizer.

Nisto que dissemos até aqui não ha nenhuma innovação. Estamos acompanhando as correntes mais modernas, orientando-nos pelos espiritos esclarecidos dos pontifices maximos do ensino europeu e americano.

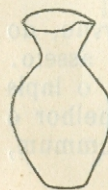


Fig. 2

Aquelles que visitaram as escolas americanas e viram com olhos de observador os grandes progressos realizados na opulenta republica; os que foram beber em outras fontes os ensinamentos de pedagogia hodierna e alliam a este estudo da psychologia infantil, trouxeram os salutaes principios que são agora a base do ensino official nas escolas primarias.

«O desenho não é tanto uma questão de arte, como é uma questão de utilidade. Tem por fim educar a vista como o trabalho manual tem por fim educar a mão». «A perfeição do desenho está em plano secundário: o fim principal, a alma do ensino é que as faculdades da criança tenham desenvolvimento contínuo e seguro. Cuidamos do homem e não do artista. Nosso ponto de vista é educativo e não técnico». (*)

Não resta a menor dúvida de que o desenho *d'après nature* se avanta, e muito, ao antigo systema de Ravaisson, fundado sobre o traçado da figura humana, e ao de Guillaume, quasi que exclusivamente geometrico. Aliás, esta questão de escolas e principios já foi fartamente discutida e o nosso parecer está apoiado pelos mais abalizados directores da instrução.

Estas considerações justificam o fim, a orientação, o rumo e a maneira geral do ensino de desenho nas escolas primarias e secundarias, mas não cogitam da pratica nem do material do ensino. Nesta parte é que entramos com o nosso lastro proprio robustecidos pela experiencia e plenamente convictos das idéas que formos expendendo. Si achamos bom o ensino americano comecemos por nos americanisarmos nisto: em fazer e observar, e da experiencia tirar as conclusões logicas dos factos.

Já dissemos que o professor deve deixar á escolha dos alumnos a preferéncia dos modelos, evitando aquelles cuja complexidade de formas não permitte a sua indicação, porque o ensino deve ser gradual. Porém, si os alumnos manifestarem abertamente a sua predilecção por tal ou qual figura, tal ou qual objecto, é de toda conveniencia não obstar o surto da sua imaginação amputando-lhes um innocente desejo do espirito e obrigando-os a executar cópias que os aborrecem. Neste caso o professor pôde simplificar artificialmente o modelo, indicando as linhas geraes e desprezando os detalhes.

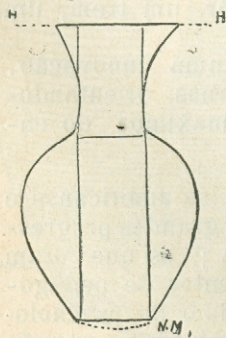


Fig. 3

Para estes exercicios o alumno fará uso do lapis que quizer, preto ou de côr. Também não importa as dimensões do desenho, salvo, está claro, as exagerações possiveis. O mesmo se pôde dizer da natureza do material empregado; contudo, julgamos, opportunas algumas advertencias a respeito.

É contraindicado o uso do carvão, do gis e do pastel porque prejudica o asseio. O desenho em ardósia, mesmo com o lapis proprio, pôde ser dispensado. O melhor é o desenho em papel com lapis commum, ou de côr.

(*) Anuario do Ensino - 1909 1910.

Neste ponto discordamos de Quenieux que aconselha o uso do gis e do pastel para desenhos sobre ardósia. O gis é muito util para o professor, mas pouco para o alumno e principalmente para os alumnos de escola primaria.

De outra parte cumpre deixal-o descansar quando estiver aborrecido de um esforço prolongado. Até é mais proficuo corrigir-lhe as imperfeições depois que tenha reanimado o espirito porque assim attentará melhor nas particularidades que devem ser observadas.

A marcha do ensino é muito simples. Para esclarecer bem tudo isto figuramos que se inicia uma aula de desenho.

O professor, depois de providenciar sobre a ordem da classe e a distribuição do material, traz para a mesa um objecto qualquer, que imaginamos ser a jarra representada na figura n. 4.

O modelo não é de certo um primor de arte, não é rico de formas nem offerece grandes attractivos ás crianças. Mas o professor começa explicando a utilidade do objecto em questão, a razão de ser das formas, sua capacidade e resistencia, suas condições de equilibrio e a substancia de que é feito.

Naturalmente isto desperta a curiosidade das crianças, porque essas irrequietas criaturinhas são sempre ávidas de novidades. Provocada sua attenção ellas prestam muito interesse pelo objecto das suas preoccupações.

Então o professor dispõe o modelo na posição mais apropiada e *um pouco abaixo do horisonte visual*. Esta precaução é necessaria porque a forma apparente do objecto varia com a sua posição.

Os alumnos pôdem depois trabalhar.

As primeiras provas são geralmente disformes e mesmo monstruosas. Nada importa.

Tratamos logo de ver através das imperfeições do desenho o que o alumno notou e quiz figurar com os seus rabiscos.

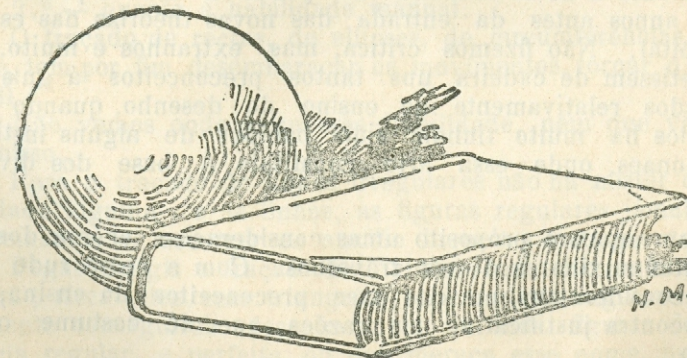


Fig. 4

De um delles obtemos, por exemplo, o desenho representado na figura n. 2.

Indagando a razão desses traços verificamos que aquella extremidade angular que orla a abertura da bocca é a biqueira da jarra. E' desproporcional, grotesca, mas o alumno *observou* e quiz figurar o que *já sabe* ser uma biqueira; sabe que este accessorio serve para se verter o conteúdo da jarra sem que o liquido se derrame pelas paredes externas. A abertura que nos apparece em fórma de um elipse alongada cujo eixo maior è igual a quatro vezes o menor em virtude da perspectiva, está representada na copia por uma curva irregular e muito aberta. Mas o alumno *percebeu* que ha uma curva, que se vê a abertura e não uma linha recta como nol-a mostra o schema n. 3.

Pois, senhores, isto já revela um grande progresso! O alumno que fez isso, ha de ser levado pela curiosidade a considerar as apparencias de outros objectos, e si para o futuro fór um oleiro, tal homem ha de escolher com mais criterio as fórmas dos utensilios que fizer.

Tal é a mecanica deste ensino, que com pequenas modificações podemos applicar á diversas classes nos diversos annos.

Não se supponha que reproduzimos apenas idéas colhidas aqui e allí de algumas leituras, ou simplesmente o que ouvimos dizer. O que dissemos é um producto de experiencia propria, de observações repetidas durante dez annos, quer quando recebiamos, quer quando transmittiamos os conhecimentos relativos a arte. Accrescente-se a isso, o nosso gosto por um tal ensino, a importancia que ligamos á arte, o muito que havemos meditado sobre isso, e acreditamos que não nos hão de allegar razões de competencia. Demais já tivemos occasião de defender abertamente a nossa maneira de pensar a muitos professores, alguns annos antes da entrada das novas theorias nas escolas da Capital. Não fizemos critica, mas extranhos e muito, que se repetissem de cadeira uns tantos preconceitos á guisa de postulados relativamente ao ensino do desenho, quando taes principios ha muito tinham sido banidos de alguns institutos profissionaes, onde essa arte constituia a base dos diversos cursos.

Vem agora a proposito umas considerações acerca dos instrumentos auxiliares desses trabalhos. Com a nossa franqueza consideremos um dos taes preconceitos do ensino, que não encontra justificativa nas razões que de costume o defendem.

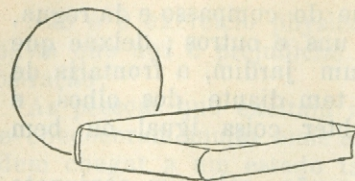


Fig. 5

Diz-se, por exemplo, que o desenho, para ser educativo deve ser feito á mão livre, e que portanto é preciso dispensar a regua e o compasso. Sempre accrescentei, no mundo das idéas, um ponto de interrogação, seguido de um de admiração, ao ouvir isto. Não sei

porque um trabalho pecca quanto ao seu valor educativo, e deixa de ser considerado *á mão livre* quando foi executado com o auxilio do compasso! Porventura não é a mão que dirige a regua, ou será o compasso que dirige a mão?

Não valem duvidas nem longas discussões; abordemos logo a questão pelos seus dois pontos de vista e digamos promptamente o que ha de melhor a notar:

1.º — quanto ao valor educativo.

Um exemplo elucidará o facto e basta.

Um alumno tem diante de si uma bola e um livro que vae projectar sobre o papel (n. 4). A projecção da bola, qualquer que seja a distancia ou a posição em que está, é sempre uma curva regular, perfeita. O alumno pega do compasso e traça uma circumferencia. A projecção do livro, por sua vez, qualquer que seja a distancia ou a posição, é sempre uma figura limitada por linhas rectas; apenas os angulos e comprimento das linhas é que variam por causa da perspectiva, assim como da circumferencia o que varia é a abertura do compasso, o raio do circulo. O alumno pega da regua e traça as linhas.

Note-se bem: o alumno observou e reproduziu a fórma dos objectos, suas posições relativas, sua physionomia apparente e e as illusões de perspectiva. Em que o emprego daquelles instrumentos prejudica ao educando ou ao seu trabalho?

2.º — quanto á habilidade manual.

O traçado de rectas, de ellipses, de circumferencias, á mão livre, tem por fim desembaraçar os movimentos, tornar o alumno habil.

Não vemos onde paira essa habilidade, nem que vantagem ha nisso.

Para o traçado de linhas irregulares não ha mister de habilitade alguma; e as linhas, as figuras regulares jámais o são si deixamos de recorrer ao auxilio daquelles instrumentos.

Pegae do gis e traçae dez, vinte, cem circumferencia na pedra; riscae dez, cem triangulos ou exaggonos regulares; difficilmente conseguireis desenhar uma ou duas figuras de apparencia regular, e perfeita, ou que mereça esse nome, nenhuma!

Agora, deixae que a criança tome do compasso e da regua, trace circulos, trace rectas, combine uns e outros; deixae que livremente componha a planta de um jardim, a frontaria de uma casa, sólidos geometricos que tem diante dos olhos, e verão se de outra modo poderiam obter coisa igual ou bem parecida.

Theoricamente, não ha figura que não seja um conjuncto de fórmulas regulares, como a circumferencia é um conjuncto de lados de polygono. Praticamente, qualquer que seja a composição do alumno, a todo instante elle sente a necessidade de empregar um daquelles valiosos instrumentos.

O que está dito é sufficiente e salta aos olhos. Desobrigamo-nos de mais explicações, declarando afinal que o nosso intuito foi prestar um serviço que a experiencia estava reclamando de nós.

«Não ha regra pedagogica mais bem fundada que aquella que estabelece precisarem ser conhecidos os factos, antes de se tentar conhecer as generalisações.

Os factos são os olhos pelos quaes percebemos as leis».

Educação physica sob o ponto de vista analytico

V

(Continuação)

Todos os males de que somos victimas são castigos immediatos da desobediencia ás nossas sensações. Os peccados physicos determinam castigos physicos, como os peccados moraes são remidos pelos castigos de identica natureza.

Não é por se beber quando se tem sede, mas do beber quando se não tem sede, que vem o mal. Não é o comer, quando se tem fome, mas o comer quando se não tem fome, que se constitue em vicio, em peccado de gula.

O ar puro e fresco das mattas nunca faz mal a ninguem.

Respirar o ar impuro e pestilento das grandes cidades, a despeito do protesto dos pulmões, é que é um erro, sinão um crime, porque nada mais é que um suicidio lento...

Não é o exercicio salutar a que nos impelle a natureza, mas o desprezo aos seus dictames que traz consequencias funestas.

Não é tão pouco a actividade intellectual, espontanea e agradável, que prejudica a saude, mas a actividade prolongada, apezar das reacções cerebraes.

Não é o exercicio physico e retemperador das fadigas do espirito que nos é prejudicial; mas o que chega ás raizas da prostração.

As pessoas que excitam muito o cerebro e pouco o corpo; que obedeceram muito mais aos seus caprichos que ao estomago, podem chegar a um estado tal de allucinação, em que as suas sensações normaes, formem um verdadeiro contraste com as sensações naturaes, base do progresso em seu triplice fundamento.

E' preciso, pois, desde a infancia formar a CONSCIENCIA PHYSICA do individuo, para que ella se torne o seu fiel monitor durante toda a sua vida.

* * *

Dentre as sensações que nos regem na vida, não deixaremos de lembrar as do CALOR e de FRIO. Dahi a importancia do modo de vestir as crianças.

A theoria do enrijamento do corpo, é mais prejudicial que benefica ao desenvolvimento da criança, determinando-lhe muitas vezes a morte prematura.

A observação e a experiencia nos têm demonstrado que se não deve procurar imitar no vestuario o uso de nossos caboclos.

Os habitantes das regiões ruraes vivem em condições mais favoraveis: respiram ar puro durante o dia e a noite; fazem muitos exercicios physicos e os seus desenvolvimentos não são sobrecarregados com algum excessivo trabalho cerebral. E, ainda assim, elles, quasi sempre, são prejudicados em seus crescimentos.

Os habitantes da Terra do Fogo, que andam nus em um clima frio, são tão feios e enfezados, «que mal podemos crer que são criaturas humanas.»

A sciencia explica este phenomeno pela subtracção do calor animal, provando que isso é o resultado da falta de alimentação nutritiva, de vestuario e de outras cousas mais complexas.

«E' sabido que para compensar o resfriamento por irradiação que o corpo sofre continuamente, é preciso que haja oxidação permanente de certas materias fornecidas pela alimentação. E a quantidade de alimento que é preciso oxidar-se deve ser directamente proporcional á perda de calorico verificada.

O poder dos orgams digestivos, entretanto, tem limites, e, nestas condições, o serviço da manutenção da força vital, prejudicará até certo ponto o desenvolvimento do systema em geral.

O combustivel empregado para manter a temperatura ordinaria do corpo, produz desfalque na economia destinada ao desenvolvimento physico. Dahi resulta que, ou o corpo fica

pequeno ou a qualidade dos tecidos se apresenta em condições desfavoráveis.»

O calor, e, portanto, o vestuário, é para o homem e os animais em geral, com relação á sua temperatura, o equivalente de uma certa porção de alimento. É por essa razão que no verão os animais se alimentam muito menos que no inverno.

A quantidade de ácido carbonico exalada pela criança,—em relação ao peso e á superfície de seu corpo—é o dobro da exalada pelo adulto, e como essa quantidade varia exactamente na proporção do calor produzido, concluímos que as suas condições se apresentam em circumstancias bem mais desfavoráveis.

Ninguém ignora que cada gramma de substancia nutritiva, inutilmente despendida com a manutenção da temperatura do corpo, é subtrahida á nutrição dos tecidos, de que depende o desenvolvimento do todo. As consequencias dessa improvidencia, serão os defluxos; as constipações; o enfezamento do systema e a morte prematura na maioria dos casos.

Não são, entretanto, unicamente os vestidos vaporosos, mas também «as camisas de força» inventadas pela capital artistica, pela moda franceza, que prejudicam a saúde e o desenvolvimento da infancia. Esse uso incommoda ás crianças e até, muitas vezes, chega a causar-lhes a morte prematura pela falta de actividade physica, tão natural e tão necessaria á juventude.

E assim, milhares de crianças são sacrificadas annualmente, em consequencia dessas deploráveis preoccupações das apparencias...

A roupa da criança, portanto, não deve ser tão pesada e apertada que cause grande calor e incommodo, nem tão leve e larga, que a deixe enfezada pela perda de calor animal.

Um panno máu conductor de calor, como a lã, solido e escuro, deve ser o proferido para uso das crianças.

«A regra, entretanto, não é vestir em todas as circumstancias de uma maneira uniforme, mas usar vestidos que sejam sufficientes como quantidade e qualidade para proteger o corpo contra uma sensação habitual de frio, embora ligeiro.»

VI

Os estabelecimentos de ensino, em geral, possuem hoje amplos pateos para recreio, consagrando-se parte do tempo aos jogos ao ar livre, que muito favorecem o desenvolvimento infantil.

É de grande vantagem não contrariar o instincto natural da juventude.

A disposição regulamental que manda intervallar ás lições alguns minutos de recreio ao ar livre, revela a tendencia feliz, em harmonizar-se o regimen escolar com as sensações physicas das crianças.

Oxalá que, pelos mesmos motivos, se destinassem também as quintas feiras, de cada semana, para descanso dos alumnos do 1.º anno e do 2.º e para passeios campestres, visitas ás fabricas, ás escolas profissionais, museus, etc., nos grandes centros, e para visitas aos estabelecimentos agricolas e occupações tendentes a desenvolver, na mocidade, o amor á lavoura, nas regiões ruraes, aos do 3.º anno e do 4.º.

Não é, certamente o coro de gritos e gostosas gargalhadas, testemunha dessa actividade agradável, que faz bater fortemente o pulso, assegurando o bom funcionamento de todos os orgãos, que demonstra a indisciplina em classe.

O recreio não é destinado unicamente a tomar o lanche e descansar, «imovel como uma estatua de bronze em um tosco banco de pedra». Não, mil vezes não! O recreio é o movimento, o antidoto ás duas longas horas de attenção em classe, sobre um duro banco de madeira! E demais sem essa relativa independencia, nessa sociedade em miniatura, como estudar as tendencias da criança, como criar-lhe essa individualidade e nobreza de caracter, tão necessarias ao homem em sociedade?

A observação, a analyse e orientação das levandades de cada criança, concorrer para a evolução da dignidade individual, da modestia, do respeito ás apparencias, do amor ao proximo, do respeito ás auctoridades e de mil outras qualidades que de muito lhe servirão na vida adulta.

É assim que meninos e meninas se tornam mais disciplinados, mais recatados, sem intervenções indebitas em seu desenvolvimento moral. A educação civica, por seu turno, encontra ahí campo vasto para o seu continuo evoluir.

Os instinctos humanos, sendo trenados na conformidade destas concepções, concorrerão incontestavelmente para que a influencia da escola se reflecta no seio da sociedade, não só no presente, como, com mais forte razão, no futuro.

A falta de exercicios espontaneos é a causa capital de todo o mal.

Os alumnos devem ser na rua o reflexo do que são na escola.

Substituam-se a gymnastica pelos trabalhos manuaes e jogos ao ar livre, aos alumnos do 3.º anno e do 4.º e pelos exercicios de salão, aos do 1.º anno e do 2.º e o problema estará resolvido.

Estes exercicios suggerem processos para a evolução do ensino de todas as materias do programma.

Os campos de experiencias agricolas, nas regiões ruraes, falam bem alto sobre este particular.

* * *

E', pois, incontestavel que o mal causado pela prohibição de exercicios espontaneos, trouxe como consequencia logica o systema artificial de exercicios physicos, a que se denomina gymnastica.

A gymnastica, como todos estamos convencidos, tem importancia muito restricta, no desenvolvimento physico da criança.

Ella desenvolve certos e determinados orgams, com prejuizo da systema em geral.

O jogo ao ar livre é o ideal em educação physica.

O jogo da petéca é o exemplo caracteristico dos exercicios que mais se impõem ao nosso criterio.

Os inconvenientes da gymnastica são a um tempo positivos e negativos.

Os movimentos regulares e systematicos, necessariamente menos variados do que os que resultam dos brinquedos escolares bem adiantados, não garantem uma repartição igual de actividade por todos os orgams do corpo, donde provém a fadiga e a aversão a taes exercicios e o que é mais o desequilibrio nas diversas funcções organicas. Estes exercicios, não sendo acompanhados de prazer, se tornam fastidiosos e monotonos.

Está, pois, demonstrado que a gymnastica, em sua accepção restricta, é muito inferior aos brinquedos ao ar livre, não só quanto a quantidade de exercicio muscular, como quanto a qualidade dos mesmos.

Os brinquedos, despertando o bom humor da criança, determinam uma excitação cerebral, cuja consequencia suggestiva será o melhor dos fortificantes.

A felicidade sempre foi e continuará a ser o melhor dos tonicos.

O bem que faz á saúde os passeios campestres, e a mudança de ar, são uma prova em favor dos exercicios expon-taneos.

O prazer causado por esses exercicios, accelerando os movimentos do pulso, facilita a realização de todas as funcções do organismo, augmentando a saude a quem a possui e restituindo-a a quem a perdeu.

Os exercicios gymnasticos, propriamente ditos, ao contrario, jámais poderão substituir aos indicados pela sabia natureza —

mãe cuidadosa de todas as coisas — melhor estimulante ás concepções physicas, intellectuaes e moraes.

Prohibir brinquedos; sob pretexto de evitar incommodos, é, pois, desprezar os meios naturalmente instituidos para a educação completa.

VII

As nossas faculdades se desenvolvem segundo uma progressão crescente.

E, assim sendo, as faculdades superiores não podem ser sobrecarregadas com conhecimentos mais complexos e mais abstractos sem que o terreno esteja preparado para assimilal-os.

As vantagens obtidas por um excesso de cultura intellectual, determinarão incontestavelmente prejuizos incalculaveis em futuro não remoto.

A instituição de penitenciarias, de prisões e de dispensarios, para varios fins é uma prova em abono de nossa these. E' pôr trancas á porta depois da casa roubada...

A natureza é um perfeito regulador.

E' preciso que a potencia seja equivalente á resistencia para que o equilibrio se mantenha.

Para chegar-se a esse resultado é sufficiente apresentar-se á criança a materia prima indispensavel ao seu crescimento physico, intellectual e moral, na conformidade da idade de cada uma.

As épocas da vida estão perfeitamente demarcadas.

As forças vitales dos 7, 14 e 21 annos são proporcionaes aos resultados desejeveis.

E' preciso não perder de vista o phenomeno da destruição quotidiana dos tecidos pelo exercicio corporal e o da perda dos tecidos cerebraes pelo estudo.

A força actuando em uma direcção cessa em outra.

O trabalho muscular ou intellectual suspende a digestão ou esta o perturba.

Dahi concluimos tambem que não pode haver crescimento e desenvolvimento ao mesmo tempo.

A estrutura, base do progresso, só se desenvolve quando o da estatura, producto do crescimento, lhe dá margem para isso.

O cerebro, que durante a infancia é muito volumoso em relação ao resto do corpo, poderá progredir quanto á estrutura, mas perderá em força e tamanho normal.

E' justamente, por isso, que MUITAS CRIANÇAS QUE DURANTE UM CERTO TEMPO NÃO CONHECIAM RIVAES EM SEUS ESTUDOS, ESTACIONAM INOPINADAMENTE, FRUSTRANDO ASSIM AS ESPERANÇAS DE SEUS PAES E ALCANÇANDO QUASI SEMPRE A MORTE PREMATURA.

As crianças, no geral, não atingem sinão a estatura de seus proprios paes.

As que residem fora dos centros populosos, quando bem alimentadas, constituem, entretanto, excepção á regra.

O excesso de applicação intellectual, alliado á insufficiencia de alimentação, no sentido lato da palavra, nos centros populosos, é, certamente, o principal factor desse phenomeno.

E, por isso, sabendo muito mais do que os nossos paes, das leis da vida, somos, na verdade, bem mais fracos que elles.

A progressão crescente no numero de molestias; a calvicie prematura; a perda de dentes e mil outros factos que nos asoberbam, bem demonstram que definhamos de dia para dia.

As necessidades da vida moderna exercem uma pressão cada vez mais forte sobre o individuo e a sociedade em todos os aspectos da existencia. E' que a concorrência cada vez mais forte, obriga-o a todos os sacrificios para se não deixar esmagar pelas rodas gigantescas do progresso. E, pelo mesmo motivo os paes submettem os filhos a uma disciplina intellectual tão intensa que prejudica o physico e portanto o proprio intellecto.

Os chefes de familia, por seu turno, para não serem vencidos na lucha industrial, commercial e intellectual, precisam empregar os maiores esforços ao seu alcance, trabalhando todo o anno, privando-se de exercicios physicos e supprimindo suas férias.

Essa constituição empobrecida pelo excesso do trabalho, portanto, será necessariamente transmittida a seus futuros filhos, que, por isso, não poderão supportar o mesmo esforço physico e intellectual.

Não deixaremos, por esse motivo, de censurar ainda uma vez o procedimento de certos paes, preocupando-se unicamente em estimular a intelligencia da criança, sem attender á sua sufficiente alimentação e aos prejuizos physicos causados por essa imprevidencia.

As funestas consequencias da precocidade intellectual e moral, nos devem pôr de sobreaviso, contra essas anmalias.

Até os sete annos, no minimo, a criança deve preocupar-se unicamente em observar a natureza que a cerca.

Sete annos é precisamente a idade em que as primeiras lições poderão ser ministradas com proveito.

Nas regiões ruraes, o estudo da natureza, a observação das cousas agricolas, em campos de experiencia scientificamente or-

ganizados, deve ser o primeiro passo para a formação dos musculos do espirito. E' a agricultura que nos induz ao conhecimento utilitario da historia natural, onde se accomodam as noções scientificas. Nas cidades um grande numero de factos se apresentam ao nosso criterio, os quaes, quando bem systematizados, muito concorrem para a evolução do ensino.

* * *

Não ha quem desconheça a influencia do cerebro sobre as funcções do corpo humano.

A digestão, a circulação e emfim todas as funcções organicas, são profundamente affectadas pelas excitações cerebraes.

O nervo que une as visceras ao cerebro—o vagus,—quando excitado, determina a paralyzação das funcções do coração. E, por seu turno, um cerebro cansado não póde deixar de exercer influencia depressiva sobre todos os organs dos apparatus dos systemas do corpo humano. De passagem lembraremos que o aparelho é um conjuncto de organs, concorrendo para um determinado fim, como por exemplo o aparelho digestivo, o circulatorio, o respiratorio, etc.; e que systema é um conjuncto de organs, destinados a variados fins, como, por exemplo, o systema nervoso, o osseo, etc.

Os effeitos physiologicos, por nós lembrados, são revelados pela experiencia vulgar.

As palpitações do coração, provenientes da esperança, do medo, da colera, da alegria, dos sentimentos violentos, são consequencias, ás vezes funestas, desse phenomeno.

A suggestão, por seu turno, deslocando a força vital, das visceras para o cerebro, pode produzir phenomenos maravilhosos e até mesmo *verdadeiras* curas... á distancia.

As perturbações digestivas, igualmente não deixam de ser frequentes, em consequencia da excitação cerebral, superior ao natural.

E' sabido que a alegria em extremo e o sentimento e a dôr, determinam a perda de appetite, e que, em taes condições, o estomago só com muita difficuldade digere.

A actividade intellectual por si só é bastante para determinar esse phenomeno, que redundará em prejuizo do proprio organismo.

As pulsações, em taes circumstancias baixarão de 62 a 50 ou menos. O coração e o estomago são os organs que mais soffrem com essa imprevidencia, cujo resultado immediato será o enfraquecimento do proprio cerebro.

As funcções organicas dependem do affluxo sufficiente de sangue generoso. Sem elle glandula alguma póde segregar o

quanto sufficiente, o quanto preciso, para as funcções organicas; viscera alguma exercerá beneficemente as suas funcções; nervo algum, musculos ou tecidos, poderão reparar-se.

O crescimento em taes condições ficará necessariamente bastante prejudicado, quando não seja de todo impossivel.

O regimen actual é da categoria dos que pedem muito e dão muito pouco. E' o regimen da immoralidade e do peccado physico, no dizer de Spencer.

CONCLUSÃO

O nosso systema educativo é, pois, erroneo sob todos os pontos de vista.

As suas vantagens são insignificantes em comparação com a totalidade de conhecimentos adquiridos, mas não assimilados.

O espirito, da mesma sorte que o estomago, não póde digerir sinão uma somma muito relativa de conhecimentos, de alimento intellectual.

O excesso passa para a memoria de onde é varrido, emvez de se converter em musculos do espirito.

E' justamente pela falta de cultura espontanea e progressiva—que produz uma educação racional e util—que o systema actual só tem concorrido para uma certa retrogradação continua, em prejuizo do caracter nacional.

A organização dos conhecimentos—fructo do tempo e do trabalho, espontaneo, natural e analytico, do pensamento—é desprezada pelo referido systema.

Em todos os paizes, em todas as regiões civilizadas, os educadores, presuppondo que a aquisição de conhecimentos é o essencial na lucta pela vida, obscurecem a interpretação da natureza, com um accumulo de factos isolados e mal digeridos.

Os inconvenientes do nosso systema educativo se tornam ainda mais palpaveis, si recordarmos que o bom exito na vida depende mais da energia de cada um—de sua aspiração—que da somma de conhecimentos adquiridos.

No geral, é a ignorancia que mais se impõe ás posições mais rendosas...

Arruinar, a constituição physica, em proveito do excesso de trabalho intellectual, é, pois, um erro, sinão um crime.

O homem é um todo harmonico.

E, assim sendo, é preciso diminuir a actividade intellectual proporcionalmente á rapidez do crescimento physico, porque a evolução intellectual está na razão inversa do crescimento do individuo.

As crianças mais desenvolvidas physicamente, portanto, nem sempre são as mais aptas á frequentar escolas.

A força de vontade—o querer na medida do possivel,—a actividade infatigavel, oriundas do vigor physico, preenchem em grande parte as lacunas da educação intellectual.

Alliando-se, entretanto, á cultura physica á intellectual e moral, em um todo harmonico, a victoria será infallivel, sobre os concorrentes, ainda que prodigios de sciencia, mas enfraquecidas pelo muito estudo. E, mesmo que assim não fosse, não conhecemos triumpho algum capaz de compensar a perda da saude.

Em conclusão devemos preoccuparmo nos mais com a organização do saber, emvez de procurarmos sómente adquirir conhecimentos anarchicos, que geralmente prejudicam o progresso physico, intellectual e moral da infancia e consequentemente o da nação.

15 de Novembro de 1912.

LUIZ CARDOSO.

LITTERATURA INFANTIL

HIMNO DOS ESTADOS

LETRA DO PROFESSOR HONORIO GUIMARÃES

Cantado pelas alumnas do Grupo Escolar que o mesmo dirige em Araguay (Minas), no dia 14 de Julho de 1913, por occasião dos festejos escolares ahí realizados, inaugurando-se tambem nesse dia a banda musical de alumnos.

Sou o magestoso Pará,
o grande e formoso Estado,
que da bella Guajará
deslumbra o paiz amado.

O' Brazil, ó Patria santa
dos nossos antepassados,
que a lyra dos poetas canta
nos seus poemas arrojados;
ergue teu nome sagrado,
gloria de nossos avós,
no sangue puro lavado,
de brasileiros heróes.

Ao Norte durmo contente,
sobre a Nação recostado,
como o Pará constantemente
pelo Amazonas beijado.

O' Brazil etc.

De Matto-Grosso me prende
suprema e nobre affeição;
que o peito meu comprehende
amor ao lindo torrão.

O' Brasil etc.

Eu sou Maranhão altivo,
Athenas brasileira eu sou,
onde sempre, acceso e vivo,
o patriotismo vibrou.

O' Brazil etc.

Banhado pelo Oceano,
sabei que sou Piahy;
com braço forte e humano,
sempre a Patria defendi.

O' Brazil etc.

Eu, Ceará sempre ditoso,
sou mesmo a terra da luz
que o civismo impetuoso
e a liberdade traduz.

O' Brasil, etc.

Das bellas plagas do Norte,
do meu Rio Grande adorado,
se ergue o caboclo forte,
p'ra ser da Patria soldado.

O' Brazl, etc.

No sólo Pernambucano,
de Albuquerque terra viril,
cahe o braço do tyranno,
vence a causa do Brazil.

O' Brazil, etc.

Tomado dos hollandezes,
qual Pernambuco tambem,
das Alagôas por vezes
mostrei o valor que tem.

O' Brazil, etc.

Eu sou de Fausto Cardoso
a terra que tanto amou,
e onde seu nome glorioso,
uma epopéa buscou.

O' Brazil, etc.

Na hora mais perigosa,
que uma afflicta consome,
Parahyba victoriosa,
sempre salvára seu nome.

O' Brazil, etc.

Bahia, diz-me um passado
só de triumphos e gloria,
já por Castro Alves cantado,
já repetido na historia.

O' Brazil, etc.

Dos montes do Corcovado,
no painel bello e profundo,
canta o poeta inspirado
a Guanabara do mundo.

O' Brazil, etc.

Sou o berço da inconfidencia
dos martyres da Liberdade,
a patria da Independencia,
dos prophetas da Verdade.

O' Brazil, etc.

Onde Anhanguera passara,
vibrando sua energia,
Goyaz soberbo fundara,
no berço da phantasia.

O' Brazil, etc.

Victoria posso cantar
ao Espirito-Santo querido,
que nunca soube deixar
o orgulho patrio vencido.

O' Brazil, etc.

De Florianop'les fiando
terras immensas e mar,
sinto meu peito apertando,
p'ra sua historia cantar

O' Brazil, etc.

Do Sul nas terras crueis,
em que o sangue irmão jorrou
da bravura esses laureis
gaúcho povo alcançou.

O' Brazil, etc.

Aqui os Andradas plantaram
o gérmen são da altivez;
São Paulo, pois, proclamaram
da Patria... a aguia talvez.

O' Brazil, etc.

Do Paraná contemplando
soberbas aguas contentes,
eu pude ver triumphando
as nossas armas valentes.

O' Brazil, etc.

A ARVORE DAS LAGRIMAS

(Das «Novas Leituras»)

Esta gigantesca figueira, mutilada, carcomida em parte de seu tronco, resistindo á acção demolidora do tempo, e á mão malfazeja do homem, ergue-se ainda majestosa, á beira da estrada de rodagem que conduz á cidade de Santos.

Antes da construcção da estrada de ferro ingleza, (São Paulo Railway Company) por ahí passavam as tropas e carros carregados que dos sertões paulistas demandavam o porto de mar, onde se iam abastecer, principalmente de sal e kerozene, a proverem as necessidades da Capital e do Interior.

Um pouco além do Ypiranga, na estrada Vergueiro, no sitio denominado Moinho Velho, ainda pôde ser admirado esse soberbo gigante vegetal, que atravez dos seculos atesta a feracidade deste sólo, outr'ora coberto de jequitibás enormes, de cédrros robustos, de perobas gigantesas.

A mão destruidora do homem transformou esses ultimos em moveis de toda especie, mas poupou a figueira immensa a cuja sombra amiga, na hora da despedida, muitos corações em lagrimas se desfizeram, quando mãis, esposas, irmans ou noivas, estreitaram nos braços, quiçá pela ultima vez, o filho, o marido, o irmão ou noivo, que para a guerra se partia.

Foi sob a amena sombra da «arvore das lagrimas» que o 7.º de voluntarios paulistas, sob um sol de ouro coado atravez da viridente folhagem da figueira a centuplicar a grandeza das côres da nação, ratificou o juramento solemne de vencer ou morrer nos inhóspitos paúes do Paraguay.

A arvore que foi muda testemunha de tantas lágrimas sinceras, parece têt-as uma a uma absorvido, e cada manhã as vai distillando sobre o sólo para que lhe restitua o vigor perdido, ou a chorar as companheiras que se foram sob os golpes do machado destruidor.

Poupada, talvez porque os primeiros moradores daquellas rústicas paragens estivessem acostumados a se abrigar á sua cópa protectora, ella ahí ficou, lembrando os grandes vegetaes seus irmãos.

De seus robustos ramos, sempre verdes, a acalantar esperanças nos que partem ou a mantêl-as nos que ficam, poucos restam mas sempre verdejantes, bracejando no ar a commovida saudade das lagrimas que se foram.

O TIETÊ

(Das «Novas Leituras»)

O Tietê, o rio dos bandeirantes, como poderia ser chamado, é bem paulista: nasce não longe de Sallesópolis, no Morro da Barra, uma das ramificações da Cordilheira Maritima, e interna-se pelo Estado, dividindo-o quasi em duas partes iguaes.

Em rápido caminhar, descrevendo curvas, abandona as faladas da serra fronteira á Capital, e logo remansoso se espreguiça pela extensa varzea, recebendo pela margem esquerda o Anhangabahú e o Tamanduatehy.

Dahi, amplo e caudaloso, mas sereno, formando extensos brejos e banhados, atravessa o municipio da Capital e penetra no de Parnahyba, fertilizando sempre as terras marginaes em que transborda.

Habilmente represado e conduzido, vai, atravez de sorprendentes obras de engenharia ahí realizadas pela Companhia Light and Power em 1900, accionar possantes máchinas eléctricas, que incessantemente geram a poderosa corrente impulsivadora de centenaes de bondes, que velozes atravessam as longas ruas e bellas avenidas da Capital paulista, onde á noite, a electricidade esplende.

E as aguas do Tietê, produzindo luz e força, concorrendo para maior belleza e importancia da cidade de São Paulo, voltam de novo ás escuras rochas que lhe formam o leito.

De quéda em quéda, de obstáculo em obstáculo, de nove se atira e foge ao encachoeirado que a mansidão lhe altera.

Plácido, lá vai deslizando o rio eminentemente paulista, gizor o traçado da estrada de ferro que, seguindo sua trajetoria, nos aponta á actividade commercial, a vasta região de Matto-Grosso e dos paizes vizinhos.

Recebendo sempre o concurso de tantos affluentes poderosos, o nosso Tietê, ora calmo como ao passar pela cidade a que deu o nome, ora rugidor e revoltoso, vai atravessando campos sem fim, banhando antigas cidades que os fortes paulistas nossos antepassados fundaram.

Tempos homericos aquelles em que nossos maiores, na ancia do desconhecido, em demanda de ouro e brilhantes, na captura de indios, dominaram com suas frageis canoas o dorso possante do longo Tietê.

Essas audazes expedições a Matto-Grosso que faziam os bandeirantes em esquadilha de canoas, chamavam-se *monções*.

Continuaram-se até o anno de 1836, fazendo-se a travessia para Matto Grosso dessa época em diante por paquetes a vapor.

Almeida Junior, em bellissimo quadro, perpetuou o facto histórico das monções a Cuiabá.

PREGUIÇA

A preguiça, inda de peito,
Muito custou a criar!
Quasi que morreu de fome,
Com preguiça de mamar.

Preguiça, já crescidinha,
Quando por seu pé andava,
Não era andar! mais parecia —
Que toda se espreguiçava...

Preguiça, foi á lição:
Ler, escrever e contar?
Deixava a memoria em casa
Com preguiça de a levar!

Preguiça, aprendeu costura:
Mas, sempre que costurava,
Só para não pôr dedal,
Sempre os seus dedos picava.

A mãe ralhou á Preguiça
Porque se não penteava;
Torna-lhe ella: — «Ha quantos dias
E' que a mãe não lava a cara?» —

Preguiça, morta de somno,
Quasi de somno morria:
Só por não fechar os olhos,
Quantas noites não dormia!

A Preguiça, muito a custo,
Fez a cama, e se deitou;
Para não mais a fazer,
Nunca mais se levantou.

A Preguiça, abria a bocca,
Coisa em que ella era mais certa;
Mas depois — pr'a não fechar —
Ficou sempre «boca-aberta».

A Preguiça e o Desmazelo
Juntaram-se em casamento:
Levando os dois, um bom dote,
U'a mão cheia de vento.

Preguiça teve dois filhos:
Oh! que santa geração!
A mais velha, Dona Fome;
O mais novo, Dom Ladrão.

A. CORREIA DE OLIVEIRA.

Primavera

De galas a natura se reveste!
E porque tanta festa pelo espaço?
— Desperta a vida — em luminoso traço —
Ao mundo perguntando — Que fizeste?

— Oh! Plantei este ramo de cipreste,
Responde o infante, ensaiando um passo!
— Obrigado, lhe diz, n'um só abraço,
A vida, a força, em seu verdor agreste!

Mas, a Primavera a lhe sorrir, travessa,
Pelos labios da flôr do pecegueiro,
Retruca: Olha, antes que anoiteça

P'ra que possas vencer o vil castigo,
E abastança criar em teu celleiro,
E' preciso plantar um grão de trigo!

LUIZ CARDOSO.

A ARVORE DAS LAGRIMAS

Era ali, no alto do Ypiranga,
Sob a verde ramagem da figueira,
O ponto do «adeus» aos que se iam,
Não raro na viagem derradeira.

«Era a arvore da dôr, do soffrimento,
A figueira das lagrimas» — diziam,
A chorar, aquelles que ficavam,
A chorar, aquelles que partiam.

Os annos se passaram e a figueira
Foi perdendo o vigor e todo o encanto,
Jaz agora esguia e desganhada
Na tristeza sem fim do seu recanto.

Mas, na sua mudez, não só o pranto
Recolheu e guardou no coração: —
Nella vibra da nossa independencia
O echo rugidor da aclamação.

E lá no alto plantada, e definhando
Do tempo deshumano á crueldade,
E' hoje uma reliquia, é quasi santa,
E' a figueira tristonha da saudade!

S. Paulo, 24 de Agosto de 1913.

JOSÉ A. FERNANDES.

LEITURA SUPPLEMENTAR

Educação Civica

O PROGRESSO NACIONAL

1822-1913

Ao grito altisonante de «Independencia ou morte!», mais uma nação soberana surgia na America, a reclamar posição saliente no convívio dos paizes livres e civilizados. Era o Brasil solidario e unido, que, rompendo os liames coloniaes, exprimia na téla auri-verde do seu pavilhão juvenis esperanças e ostentava ao universo esplendidas riquezas.

A cooperação do príncipe portuguez e a direcção de José Bonifacio no movimento pela independencia tornaram rapida e facil a victoria. Breve, se extinguiu o fumo dos combates, que se levantava de Montevideu á Bahia e ao Maranhão. Mas não tardou que as dissensões internas viessem perturbar a vida nacional. O imperador, despotico e deseducado, entrou a reagir contra a obra de que foi inconsciente instrumento. A opposição liberal o enfrenta, hostiliza-o, avoluma-se, até banil-o a 7 de Abril de 1834.

Sem um poderoso elemento de cohesão e entregue a estadistas inexperientes, o povo brasileiro vê-se a braços com a anarchia sanguinaria — serpente monstruosa a obstrar-lhe os esforços em prol do progresso. A plébe inculta, de mãos dadas com a tropa mercenaria, ameaça barbarisar o paiz com os frequentes motins e sedições. E' então que aos espiritos prudentes apparece a necessidade de pôr um termo á situação com um golpe violento — a proclamação antecipada da maioridade do imperador infante, em 1840.

Calmo e reflectido, bondoso e justo, d. Pedro II conseguiu restabelecer a paz no vasto imperio que lhe foi confiado. Inicia assim, na sua patria, um periodo de prosperidade e labor, dando expansão ás energias nacionaes.

A guerra do Paraguay, terminada em 1870, interrompeu novamente a marcha regular do processo nacional. Foi um grande erro que o monarcha não soube impedir com mais ha-

bilidade. É certo que, com o triumpho, augmentou o prestigio brasileiro no mundo. Mas, economicamente, empobreceu-nos, custando-nos 600 mil contos e 400 mil vidas. Tão formidável sangria, exaurindo-nos, só aproveitou aos nossos vizinhos e aliados do Prata, que começam a ganhar-nos a dianteira no caminho da civilização.

O fim dessa gloriosa campanha marcou, visivelmente, a decadencia do imperio. Reacendeu, entre nós, a agitação liberal. A 15 de Maio de 1888 a monarchia faz-lhe a mais estrondosa concessão, suicidando-se. A consequencia, inevitavel e prompta, foi a extincção do unico throno americano, a 15 de Novembro de 1889.

A Republica! A historia destes 23 annos ainda está na memoria de todos. Ideaes generosos ao lado de instinctos grosseiros. Luctas estereis de par com empreendimentos fecundos. A Liberdade aliada á Violencia. A Luz combinando-se com a Tréva. Mas o certo é que, embora abalado por sobresaltos terriveis, o Brasil avança velozmente para seus formosos destinos, ao amparo das instituições republicanas.

* *

Nos alhores da Independencia, que era este paiz? Que é hoje, volvidos noventa e um annos?

Em 1822 os 8.625.055 kilometros quadrados do nosso territorio, já conquistados pela audacia varonil dos bandeirantes, mas ainda não demarcados pela habilidade da diplomacia, continham apenas 4.450.000 habitantes, segundo avaliações da época. Em 1840, ao findar a Regencia, essa população orçava por 6.160.000 individuos. Em 1870 se elevava a 9.745.000. Em 1890, ao cahir o regimen imperial, o primeiro recenseamento republicano accusava a existencia de 14.553.000 pessoas. E actualmente devemos ter naquella dilatada superficie 22.500.000 almas, no minimo.

Se a nossa população quintuplicou em 90 annos, para tal, muito concorreu a immigração de estrangeiros, a principio bem pequena. Em 1820, quando começou com a colonisação suissa, recebemos 1.682 immigrants. Em 1840 entravam sómente 555, de certo por causa das perturbações civis. Em 1870, data em que a corrente vai augmentando as entradas foram de 5.158. Em 1890 attingiam a 107.474, em virtude da abolição do trabalho servil, dois annos antes. Em 1912, finalmente, esse numero foi de 180.182.

De 1820 a 1912, o Brazil acolheu 3.146.255 immigrants. Na maioria, são italianos, portuguezes e hespanhoes — os tres povos europeus que mais influiram na formação da nossa nacionalidade.

As estradas de ferro, outro poderoso factor do progresso moderno, foram inauguradas em 1854, com 14 kilometros. Em 1870 tinhamos 721, e, em 1890, 9.748 kilometros de linhas. Em 1912, o dobro: . . . 22.286, ou mais do que a Italia e Hespanha.

Em 1822 dispunhamos só do telegrapho optico. Em 1852 estabeleceram-se as primeiras linhas nacionaes do telegrapho electrico. Em 1870 já mediam 1.450 kilometros. Em 1890 passavam a ter a extensão de 11.895 kilometros e, em 1912, a de 53.962, sem incluir as linhas particulares.

O movimento maritimo de nossos portos tomou grande incremento, com a preponderancia da navegação a vapor, introduzida em 1819. É o que mostram estes a'garismos da tonelagem total das embarcações entradas e sahidas:

	Toneladas
Em 1840.	1.417.491
Em 1870.	5.494.775
Em 1890.	10.549.190
Em 1912.	52.926.225

Como se vê, a actividade maritima duplicou de 1870 a 1890, em vinte annos. Na Republica, porém quintuplicou no espaço de vinte e dois annos.

* *

Por uma singular intuição, o lucido espirito de José Bonifacio, nos primeiros da nossa emancipação politica, já antevia o papel primacial do café em nossa historia economica, ao adornar as armas nacionaes com um ramo de cafeeiro. No emtanto, nesse tempo ainda estava tal producto, longe de adquirir a importancia que agora tem para os brasileiros: em 1822, exportavamos apenas 13.515 toneladas de café, sahindo a maior porção pelo porto do Rio de Janeiro.

Em 1840, anno em que a cultura da valiosa rubiacea se expandiu consideravelmente, a exportação brasileira alcançou a 82.975 toneladas de café. Em 1870, já sendo nós os primeiros productores mundiaes, exportavamos 186.602 toneladas. Em 1890 a exportação ascendeu a 325.360 e em 1912 a 724.818.

A borracha, que na Amazonia exerceu influencia igual á do café no Sul, figurava unicamente com 51 toneladas na exportação de 1827. Em 1840 sahiam 417; em 1870, 5.372 toneladas. Mas a industria estrangeira começou a exigir crescentes quantidades dahi por deante e nós nos tornámos os primeiros productores mundiaes. Em 1890 exportavamos 15.355 toneladas; em 1912, 42.286.

Dantes, o assucar precedia esses dois productos no quadro do nosso commercio. Entre 1870 e 1880 chegamos a exportar cerca de 200.000 toneladas annuaes. A datar de 1890, porém, perdemos definitivamente nossa posição nos mercados estrangeiros, em favor de Cuba, Java, etc.

Em compensação, recentemente conquistamos o primeiro lugar entre os productores de cacáu, disputando o passo ao equador e á ilha do S. Thomé. Todavia, estamos em risco de ceder o terreno, por falta de habil politica commercial, capaz de abrimos francamente os centros consumidores.

Somos tambem os maiores productores de herba-matte, cuja exportação triplicamos no ultimo vintennio. Comtudo, essa industria extractiva está ameaçada de um rapido desaparecimento. Como a da borracha, não escapará de tal sorte, se não se transformar em agricola.

Melhor do que tudo, o valor do nosso inter-cambio com os paizes estrangeiros resume e salienta o crescer rigoroso da nossa potencialidade economica. Eis alguns algarismos suggestivos, demarcando os pontos culminantes da nossa historia :

ANNOS	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO
1817	8.567:896\$	8.508:937\$
1840	2.358:600\$	43.192:500\$
1870	124.505:000\$	166.469:000\$
1890	525.246:596\$	272.144:530\$
1912	950.609:565\$	1.119.718:008\$

Assim, na phase final do imperio, de 1870 a 1890 a importação não conseguiu triplicar e a exportação nem sequer duplicou. Na Republica, entretanto, a importação quasi triplicou e a exportação quadruplicou, superando aquella.

*
*

Se a riqueza apresenta crescimento admiravel, não menor foi o progresso intellectual do povo, posto seja este o lado mais deficiente dos nossos esforços civilisadores. O regimen repuplicano fez muito, sob este aspecto. Mas não realizou tudo quanto podia e devia para corrigir o descaso dos estatistas da monarchia pelo problema da cultura popular.

Basta reparar nas diversas estatisticas organisadas, a respeito da instrucção primaria, para ter-se nitida idéa de quanto avançamos. Em 1875 o Brazil todo tinha 5.890 escolas primarias, com 187.915 alumnos. Em 1889 as escolas eram 7.954, com 263.242 alumnos matriculados. Em 1909, vinte annos depois, a Republica possuia 12.221 escolas contando 634.539 alumnos.

Em 1889 a matricula de alumnos correspondia a 15 por mil habitantes. Em 1909 era de 30 por mil, denunciando que o que dobro das crianças se instrua.

De 1800 a 1889 os governos brasileiros gastavam 217.331 contos com a instrucção primaria. De 1890 á 1912 tal despesa montou a 717.837 contos.

Com toda a precisão, os dados acima alinhados com orgulho patriotico no magno dia da Patra, nos pintam a maravilhosa evolução nacional em noventa e um annos de vida independente. A nos outros, os brasileiros, concitam a garantir e ampliar esse valioso legado que os antepassados deixaram aos contemporaneos. A estranhos annunciam que das plagas americanas se levanta um novo colosso, que dentro de um seculo, será uma das maiores potencias do universo.

P. P.

NOTAS

FESTA DAS ARVORES

Realiza-se, no primeiro sabbado deste mez de Setembro, nas escolas publicas do Estado, com egual enthusiasmo dos annos anteriores, a sympathica festa escolar denominada — *Festa das arvores*.

3.º CONGRESSO DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

Reuniu-se na capital do Estado da Bahia, no mez de Julho proximo passado, o 3.º Congresso de Instrução Primaria e Secundaria, com a presença de mais de duzentos congressistas, representando os diversos Estados do Brazil.

S. Paulo se fez representar no congresso pelos srs. Mariano de Oliveira, inspector escolar, e dr. Antonio Rodrigues Alves Pereira, director do Gymnasio do Estado, da cidade de Campinas.

Pelo relatorio que estes dous illustrados funcionarios apresentaram ao Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior, em 20 de Julho, verifica-se que não foi em vão dispersado o tempo pelo Congresso, pois interessantes foram as theses discutidas e as deliberações tomadas.

O 4.º Congresso de Instrução Publica e Primaria terá a sua séde na cidade de Nictheroy.

O PROGRESSO NACIONAL

Na secção — *Leitura Supplementar* — transcrevemos, do *Estado* do dia 7 de Setembro, deste anno, e com a devida venia, o bello artigo — *O progresso Nacional* — devido á brilhante penna do notavel publicista P. P.

O professorado deve ponderar esses brilhantes topicos que animam e robustecem a fé republicana, fornecendo com dados estatisticos confrontos irrefutaveis.

INSTRUÇÃO PUBLICA DA PARAHYBA

Temos sobre a mesa de trabalhos, o Relatorio apresentado ao presidente do Estado da Parahyba, exmo. sr. dr. João Pereira

de Castro Pinto, pelo director geral da instrucção publica dr. Francisco Xavier Junior, sobre a commissão de que foi incumbido para observar a organização do ensino primario e normal, na Capital Federal e nas capitaes de S. Paulo, Minas Geraes e Espirito Santo.

O relatorio contém uma resenha conscienciosa de tudo quanto aquelle illustrado e operoso funcionario observou sobre instrucção publica nos logares para onde fôra commissionedo.

Desse relatorio, data venia, transcrevemos a parte referente a S. Paulo.

«S. PAULO. — Tendo chegado á capital de S. Paulo no dia 19 de Abril, só a 22 fui apresentado ao Secretario do Interior, dr. Altino Arantes, que indicou para guiar-me. em minhas visitas aos estabelecimentos de ensino, o inspector escolar professor Ramon Roca Dordal, funcionario proecto e competente em negocios de instrucção.

Tendo sido apresentado pelo sr. Ramon Roca ao director geral da instrucção publica, dr. João Chrysostomo dos Reis Junior, que pôz á minha disposição tudo quanto entendesse necessario para o desempenho da commissão de que me achava incumbido, iniciei no dia 25 minhas visitas aos institutos de ensino de S. Paulo, tendo começado pela Escola Normal.

Gentilmente acolhido pelo competente e illustrado professor sr. Carlos A. Gomes Cardim, fui por elle apresentado ao dr. Oscar Thompson, director do estabelecimento.

Em companhia do professor Gomes Cardim, que exerce as funcções de inspector tecnico da Escola Normal da capital e escolas annexas, assisti a diversas aulas do curso, da escola modelo e do Jardim da Infancia, e percorri as secções de trabalhos manuaes, de modelagem, marcenaria, torneagem, etc..

No dia seguinte visitei as escolas modelo isoladas do sexo masculino e do outro sexo, que funcionam em edificio separado do da Escola Normal. Na do sexo masculino, que é regida por um professor, fazem pratica do ensino os alumnos do curso normal; na do sexo feminino, as alumnas do mesmo curso.

Assisti a exercicios em uma e outra.

Em um compartimento do edificio dessas escolas isoladas ha uma completa installação para os trabalhos de arte culinaria, a cujo apprendizado são sujeitas as alumnas da Escola Normal e das escolas annexas.

No dia 25 visitei, acompanhado pelo inspector escolar sr. Ramon Roca, o 1.º grupo escolar do Braz, sob a direcção do intelligente professor sr. Gabriel Ortiz. O edificio tem optimas installações, com tres pavimentos e extensos galpões para gymnastica e recreio dos alumnos. Nelle funcionam 23 classes, com 1150 alumnos de ambos os sexos. Assisti a exercicios em

diversas classes, entre os quaes um de cartographia no 4.º anno e outro de leitura por sentençação no 1.º anno, tendo revelado os alumnos bastante adeantamento. Assisti nesse grupo a um exercicio de musica pelo processo analytic symbolico, de que mais adiante me occuparei. E' muito interessante por seguir um methodo natural e attrahente.

Notei nesse grupo muita ordem e uma disciplina irreprehensivel. No dia seguinte voltei a esse grupo para assistir, a convite de seu director á festa das aves. Essa festa realiza-se, em uma época do anno, em todas as escolas de S. Paulo, tendo por fim incutir nas almas infantis o amor e o carinho ás avezinhas, fazendo desaparecer os impulsos barbaros inherentes á natureza da criança.

Foi uma festa de effeito bellissimo e enternecedor. Todos os alumnos das classes, formados em um vasto salão, entoavam, ao som de uma bonita orchestra, o hymno ás aves. Em um momento da execução desse hymno, soltam-se as aves, que estão presas em uma grande gaiola de arame. No meio de ruidosas palmas das crianças, começam a voar, procurando sahir pelas janellas, em busca da liberdade.

Terminado o hymno, cantado em commum, recolhem-se os alumnos ás suas classes, cujas carteiras estão cobertas por bandeiras nacionaes, e continuam a festa.

A essa festa concorrem cavalheiros e familias. E' me grato deixar aqui consignado, que ao ter-se encerrado o hymno entoado por todas as classes, foi erguido um viva ao Estado da Parahyba, o qual calorosamente foi correspondido por todos os alumnos, professores e assistentes.

Além da festa ás aves, promove-se, em outra época do anno, a que é consagrada ás arvores, tendo por escopo despertar no espirito das crianças o sentimento da conservação de nossas florestas.

No dia 28 visitei o grupo escolar do Carmo, dirigido pelo competente professor Alfredo Bresser da Silveira. Esse grupo, que é desdobrado, tem 10 classes, em cada periodo, com uma matricula de 900 alumnos. Acha-se installado provisoriamente em um predio tomado por aluguel, emquanto se termina a construção de um bello edificio que lhe é destinado.

Assisti a exercicios nas classes do sexo feminino.

A maior parte dos grupos escolares da cidade de S. Paulo são, por deficiencia ainda de predios, desdobrados, isto é, funcionam em dois periodos do dia, um de oito horas da manhã, ao meio dia, para a secção masculina; outro de 12 1/2 ás 4 1/2 da tarde, para os alumnos do sexo feminino.

Do dia 29 em deante continuei minhas visitas á Escola Normal, estabelecimento que me prendia mais particularmente

a atenção, porque contem os typos de institutos de ensino que podem ser adaptados ao nosso Estado: curso normal primario, escola-modelo que serve de padrão para os grupos escolares, e jardim de infancia, tendo anteriormente observado as escolas modelo isoladas, de um e outro sexo, que servem de padrão ás escolas isoladas ou singulares.

Na escola-modelo assisti a exercicios, no 2.º e 4.º annos, de musica pelo processo analytic, sob a direcção do habil professor, maestro João Gomes Junior.

Esse methodo do ensino de musica consiste em deduzir a theoria dos exercicios praticos. O ensino começa por exercicio de respiração, que é considerado de importancia capital. Em seguida, sem conhecerem as notas da musica os alumnos cantam melodias populares, dando genericamente a denominação de «la» a todas as notas.

Esses exercicios visam exclusivamente a educação do ouvido.

Depois de uma serie de exercicios, o professor passa a mostrar que as melodias são representadas por meio de signaes e no quadro negro escrevem as melodias cantadas, sem clave e sem compasso. A clave, que não é symbolicamente representada, é entretanto dada pela nota inicial que o professor faz sentir com o auxilio de um pequeno harmonio portatil chamado Guide-Chant. Esse é o processo inicial, que continua a ser desenvolvido gradativamente até o completo conhecimento da arte musical. O esforçado professor Carlos A. Gomes Cardim publicou em folhetos uma conferencia que fez sobre esse processo de ensino de musica.

Por esse racional methodo os alumnos das escolas publicas de S. Paulo apprendem facilmente e com real satisfação a musica e o canto coral.

Ha ainda o interessante processo do ensino de solfejo, em que se figuram as notas de musica e seus accidentes por meio dos dedos. Assisti, a convite do maestro João Gomes, á execução desse processo no 2.º anno da Escola Normal Secundaria, exercicio a que tambem havia assistido no grupo escolar do Braz.

Esse processo é denominado «main musicale» pelos gallinistas e manusolfa pelo maestro João Gomes, que lhe imprimiu modificações. Executam por esse methodo, curiosos solfejos em duas e tres vozes em diversos tons. O Jardim de Infancia, anexo á Escola Normal da Capital, foi por mim observado diariamente.

Tinha verdadeiro interesse e curiosidade de conhecer essa instituição de ensino engenhada pelo celebre allemão Fröbel.

E' destinado a preparar, pela educação dos sentidos, segundo os processos de seu fundador, crianças de ambos os sexos,

maiores de 5 annos e menores de 7 annos, que tiverem de frequentar a escola-modelo preliminar.

São interessantes os exercicios escolares neste instituto, por meio das prendas ou dons fröbelianos, que visam educar os sentidos dos alumninhos e ministrar-lhes conhecimentos de cousas por processos completamente intuitivos. Executam trabalhos manuaes em papel, cartões, fitas e linhas de côr.

Tem-se verificado, que os alumnos que saem do Jardim da Infancia para as escolas primarias, são os que maior progresso fazem nesses cursos.

Os alumnos são divididos em tres classes ou periodos, conforme o seu desenvolvimento.

As professoras do Jardim da Infancia são auxiliadas pelas alumnas da Escola Normal Primaria, e nella fazem pratica do magisterio as que, no ultimo anno, maior vocação demonstram para o ensino das classes infantis.

Não ha duvida que o ensino normal e primario de S. Paulo, segundo o que detidamente observei, tem attingido a um gráu de perfeição que sobrepuja o de quaesquer outras circumscrições da Republica.

Por essa razão vai elle servindo de modelo aos outros estados da União, que desejam melhorar as condições de educação popular.

Os funcionarios do magisterio publico de S. Paulo, acolhem com a melhor vontade todos aquelles que alli procuram observar os estabelecimentos de ensino.

Devo fazer salientar que o ensino em S. Paulo vai adquirindo um caracter eminentemente pratico. Quer na Escola Normal, quer nos cursos primarios, estão abolidos os livros como compendios para o estudo de qualquer disciplina.

Os alumnos ouvem attentamente as explicações dos professores e tomam suas notas em cadernetas.

Nas escolas primarias apenas são admittidos livros de leitura. Na primeira phase do ensino dessa disciplina, isto é, para iniciar o alphanabeto no ensino de leitura, é adoptado exclusivamente o methodo analytico.

O alumno começa o apprendizado da leitura por phrase ou sentença, sem conhecer absolutamente as letras do alphanabeto. Inicia o ensino uma palestra do professor sobre uma gravura ou desenho, e depois vae escrevendo no quadro negro sentenças curtas, decorrentes de palestra, que são lidas pelos alumnos. Desembaraçados os alumnos da classe na leitura no quadro negro, passarão a ler em cartilhas ou livros apropriados.

Ouvi alumnos, com menos de tres mezes de escola, lerem, com mais desembaraço do que aquelles que, durante seis ou

oito mezes, têm aprendido pelo processo de soletração ou syllabação.

Os primeiros ensinamentos de arithmetica ou contabilidade são ministrados pelas cartas de Parker e pequenos tornos, varretas ou outros objectos, com os quaes se possa concretizar o ensino. Os alumnos apprendem por esse processo as taboadas de sommar, diminuir, multiplicar e dividir. Segue-se depois o ensino menos concreto pelo circulo numerico.

Estão tambem abolidas nas escolas de S. Paulo as ardosias, para exercicios de escripta e contabilidade.

Substituem-nas o papel e o lapis de que se servem os alumnos para aquelles exercicios e ainda para desenho. Esse papel, que é fornecido pelo governo, são aparas de papel commum de impressão. Essa medida tem a vantagem de exigir maior attenção dos alumnos em escreverem os exercicios, porque não tem a liberdade de apagar, como acontece nas ardosias, para corrigirem, o que escreverem. E ainda evita a falta de asseio e as arranhaduras na superficie polida das carteiras, produzidas pelo movimento das ardosias.

Mereceu-me ainda a attenção o facto de serem todos os professores da Escola Normal diplomados por esse estabelecimento. E igualmente o são o director geral da Instrucção Publica e da mesma Escola. Assim ha verdadeiros profissionaes, quer a direcção do ensino publico, quer no pessoal docente do curso normal.

São auxiliares do governo na inspecção e fiscalização do ensino publico primario em S. Paulo:

a) o director geral da Instrucção; b) os inspectores escolares; c) as camaras municipaes; d) as commissões de propaganda do ensino.

O ensino publico primario e preliminar, é ministrado em 4 annos, excepto nas escolas ambulantes e isoladas: e comprehende as seguintes materias: Leitura e deducção de principios de grammatic; Escripta e Calligraphia; Calculo arithmetico sobre numeros inteiros e fracções; Geometria pratica; Systema metrico decim; Desenho á mão livre; Moral e educação civica; Noções de topographia geral; Cosmographia; Geographia do Brasil especificamente a do Estado de S. Paulo; Noções de sciencias physicas, chemicas e naturaes.

Historia do Brasil e leitura sobre a vida dos grandes homens da historia; — Leitura de musica e canto; — Exercicios gymnasticos, manuaes e militares.

O ensino publico primario é ministrado nos seguintes estabelecimentos, mntidos pelo Estado: a) Escolas isoladas, diurnas e nocturnas; b) escolas — modelo isoladas; c) Escolas e cursos

nocturnos para adultos; d) Escolas reunidas; e) Jardim da Infancia; f) Escolas — modelo annexas ás normaes; g) Grupos escolares.

Conferencias do Prof. Georges Dumas

Iniciamos, com este numero da *Revista*, os excellentes extractos que o *Correio Paulistano* publicou das notaveis conferencias feitas pelo Sr. Georges Dumas, no amphitheatro da Escola Normal, quando em visita a esta capital.

Julgamos assim prestar um bom serviço aos nossos leitores, agora que se vai notando grande dedicação aos estudos psychologicos e de pedagogia.

Hymno dos Estados

Publicamos o hymno dos Estados, lettra do professor Honorio Guimarães, director do Grupo Escolar de Araguary, Minas.

Este hymno foi cantado pelas alumnas daquelle Grupo Escolar, por occasião dos festejos escolares realizados naquella cidade, no dia 14 de Julho deste anno.

Escolas de bairros

Reproduzimos, para conhecimento dos interessados, o decreto n. 2368 de 14 de Abril de 1913, que approva o regulamento das escolas de bairros.

Regulamento das escolas de bairros

CAPITULO I

DAS ESCOLAS

Do ensino e dos alumnos

Artigo 1.º São escolas de bairros as escolas preliminares situadas nos centros agricolas, povoados ou districtos de paz.

Artigo 2.º Estas escolas são classificadas em 2 categorias: são de 1.ª categoria as que distam menos de 20 kilometros de uma estação de estrada de ferro; são de 2.ª as demais.

Esta classificação poderá modificar-se em revisão que se fará annualmente.

Artigo 3.º O curso destas escolas será de 2 annos, distribuidas as materias por duas secções, conforme o programma constante do annexo n. 1.

Artigo 4.º Serão admittidas á matricula as creanças que tiverem a idade legal, tendo preferencia as que forem menos instruidas e menos favorecidas de bens de fortuna.

§ 1.º Para a matricula bastará a declaração verbal do nome, idade, filiação e residencia do matriculando.

§ 2.º A matricula será effectuada, ordinariamente, de 10 a 14 de Janeiro, e excepcionalmente, em qualquer época do anno lectivo.

§ 3.º A matricula será feita pelo respectivo professor, em livro proprio.

CAPITULO II

DOS PROVIMENTOS DAS ESCOLAS

Dos professores

Artigo 5.º O provimento das escolas se fará ordinariamente por professores diplomados, segundo as leis em vigor, e extraordinariamente, por pessoas extranhas ao professorado publico, de accôrdo com as disposições seguintes.

Artigo 6.º Annualmente, na primeira quinzena de Dezembro, poderão ser requeridas por professores diplomados as escolas vagas, cuja lista será publicada pelo *Diario Official*.

§ 1.º Concorrendo a taes escolas professores diplomados, serão ellas providas segundo a legislação em vigor.

§ 2.º As escolas, que não forem assim providas, ficarão em concurso na segunda quinzena de Dezembro, confôrme edital que será publicado no *Diario Official*, podendo então ser requeridas por pessoas não diplomadas.

§ 3.º O candidato a professor provisorio requererá de proprio punho, ao Director Geral da Instrucção Publica, a cadeira que pretender, juntando ao seu requerimento:

- prova de que é cidadão brasileiro;
- prova de idade legal (18 annos, no minimo);
- attestado fidedigno de idoneidade moral;
- attestado de vaccinação;

e) attestado medico de não soffrer molestia contagiosa ou repugnante, nem ter defeito physico que o inhabilite para o magisterio.

Artigo 7.º Deferido o requerimento, submeter-se-á o candidato a exame das materias constantes do art. 10.

Artigo 8.º O exame será prestado de 1.º a 15 de Janeiro, na séde do municipio em que estiver localizada a escola, perante uma comissão examinadora.

Artigo 9.º A comissão será presidida por um inspector escolar ou director de grupo, designado pelo Director Geral da Instrução Publica e composta de mais dois examinadores de competencia notoria, da localidade, convidados pelo presidente da comissão.

Artigo 10. O exame versará sobre Portuguez, Arithmetica (operações sobre numeros inteiros e fracções, systema metrico-decimal), Noções de cousas, Geographia physica, Historia do Brasil, Leitura sobre a educação civica, Calligraphia, e mais — Costura — para o sexo feminino.

Artigo 11. O programma do exame é o que consta do annexo n. 2.

Artigo 12. As provas serão duas — escripta e oral. A prova escripta versará sobre dois pontos, tirados á sorte, sendo um de linguagem, outro de calculo.

Artigo 13. Os candidatos terão duas horas para a prova escripta, que será feita a portas fechadas, e deverá ser datada e assignada.

Artigo 14. No mesmo dia, ou no immediato, serão feitas em publico as provas oraes.

Artigo 15. Não será admittido á prova oral o candidato :

- a) que deixar de escrever sobre o ponto sorteado ;
- b) que escrever com auxilio extranho aos seus conhecimentos proprios ;
- c) que tiver na prova escripta a nota — nulla ou má.

Artigo 16. O julgamento das provas escriptas se fará por meio de notas assignadas pelos membros da comissão examinadora, á margem de cada prova.

§ unico. As notas conterão as declarações e equivalencias numericas seguintes :

Nulla	0 (zero)
Má	2 (duas)
Soffrivel	4 (quatro)
Regular	6 (seis)
Bôa	8 (oito)
Optima	10 (dez)

Artigo 17. A prova oral versará sobre um ponto de cada materia do programma (annexo n. 2), tirado á sorte pelo candidato.

Artigo 18. Na prova oral, os examinadores lancarão á margem da prova escripta as notas relativas a cada candidato.

Artigo 19. Concluidos os exames e tiradas as médias das provas escriptas e oraes, será julgado habilitado o candidato que tiver pelo menos a média — 6.

Artigo 20. O funcionario que presidir aos exames enviará ao Governo, por intermedio do Director da Instrução Publica, um relatorio dos trabalhos, acompanhado das provas escriptas, e proporá o candidato que mais direito tiver.

Artigo 21. Havendo mais de um concurrente á mesma escola, serão os habilitados classificados pelas respectivas notas numericas. Em egualdade de condições terá preferencia o mais idoso.

Artigo 22. A nomeação, que será feita quando o Governo julgar opportuno, garante ao nomeado sua permanencia na cadeira, emquanto bem servir, até um anno, podendo rer reconduzido annualmente, mediante informação de inspector escolar e desde que não seja a mesma cadeira requerida por algum professor diplomado.

Artigo 23. Dado o provimento da escola por professor diplomado, o exame feito pelo professor provisorio valerá, a juizo do Governo, para outras escolas de equal categoria, no mesmo municipio.

Artigo 24. Serão dispensados do exame os alumnos das Escolas Normaes, Secundarias ou Primarias que, tendo feito o segundo anno e completado a idade legal, se apresentarem como candidatos a professores provisorios.

Artigo 25. Estes alumnos que serão, de preferencia, nomeados, poderão depois de cinco annos de bons serviços prestados sempre na mesma escola e attestados pela Directoria Geral da Instrução Publica, concluir o curso mediante licença por 2 annos.

§ unico. Os alumnos-professores terão, no periodo de estudos a gratificação mensal de cem mil réis.

Artigo 26. Os professores provisorios terão *pro labore*, a gratificação mensal de 150\$000, sem mais vantagens de especie alguma.

Esta gratificação ser-lhes-á dada durante as férias escolares, si as faltas, em cada semestre, não excederem de 15 — para os professores e de 20 — para as professoras.

Artigo 27. Os professores provisorios das escolas da 2.ª categoria terão mais 50\$000 por mez, para concorrerem ao pa-

gamento do aluguel da casa, enquanto não lhes fornecerem prédio apropriado o Governo, a Municipalidade ou algum particular.

Artigo 28. Os professores diplomados das escolas da 2.^a categoria terão, além dos seus vencimentos, a gratificação mensal de cem mil réis *pro labore*,

Artigo 29. Os professores provisorios terão os mesmos deveres e atribuições dos professores effectivos. (Consolidação das Leis do Ensino, Parte II, Título VII, Capítulo I.)

DISPOSIÇÕES GERAES

Artigo 30. Anualmente será organizada pela Directoria Geral da Instrução Publica a lista das escolas que levam ser providas de accôrdo com o disposto no artigo 6.^o.

Artigo 31. Continuam em vigor, para as escolas de bairros, no que lhes for applicavel, as disposições referentes á matricula, frequencia, deveres, notas, exames e promoções dos alumnos, tempo das funcções escolares, escripturação, hygiene e disciplina. (Consolidação das Leis do Ensino, Parte II, Titulos III, IV e V.)

Artigo 32. Os primeiros concursos (art. 6.^o) terão logar no mez de Junho vindouro, realizando-se os exames na 1.^a quinzeza de Julho.

Artigo 33. Revogam-se as disposições em contrario.

S. Paulo, Secretaria d'Estado dos Negocios do Interior, em 14 de Abril de 1913.

Altino Arantes.

Annexo n. I

PROGRAMMA DE ENSINO

Leitura

I secção — Apprendizagem da leitura pelo methodo phonico da syllabação, em cartilha apropriada.

II secção — Leitura corrente em livro apropriado. Leitura de letra manuscrita.

Linguagem oral

I secção :

a) Palestras sobre objectos de casa, da escola, da roça, etc., que os alumnos conheçam e tenham observado.

b) Nomes e qualidades de plantas, de animaes domesticos, de fructos e arvores fructíferas, etc.

c) Palestras sobre a côr, a fórma, o tamanho, a serventia e a materia de que são feitos os objectos.

d) Pequenas descripções feitas pelos alumnos com auxilio do professor, de objectos, de plantas, de animaes, etc.

II secção :

a) Formação de sentenças com palavras dadas pelo professor.

b) Palestras sobre a cultura de cereaes, hortaliças, forragens, canna de assucar, café, etc., sobre criação de gado grande e pequeno, aves etc., e sobre a utilidade dos animaes.

c) Reprodução de pequenos trechos e de poesias faceis.

d) Recitação de monólogos, diálogos, pequenas poesias.

Linguagem escripta

I secção :

a) Cópia de palavras e sentenças do quadro negro e do livro de leitura.

b) Escripta de nomes de objectos, de plantas, de fructos, de animaes.

c) Cópia de pequenos trechos do livros de leitura.

d) Completar sentenças escriptas pelo professor no quadro negro.

e) Construcção de sentenças com palavras dadas pelo professor.

II secção :

a) Dictado de pequenos trechos do livro de leitura.

b) Descrição de objectos, animaes ou gravuras á vista da classe.

c) Reprodução de pequenas historias lidas ou contadas pelo professor.

d) Reprodução de trecho lido no livro de leitura.

e) Redacção de bilhetes, cartas recibos, etc.

f) Pequenos exercicios de composição sobre assumpto dado pelo professor.

Arithmetica

I secção :

a) Contagem directa de objectos e grupos de objectos.

b) Contagem directa de 1 a 12 por 1, 2, 3, 4.

c) Contar por dezenas até 100, com auxilio do contador mechanico. Contar por dezenas até 1000.

d) Leitura e escripta de numeros. Conhecimento dos signaes arithmeticos +, -, X, ÷, em combinações de calculo mental directo.

e) Algarismos romanos e suas combinações nas horas do relógio.

f) Conhecimento pratico das medidas usuaes: o metro, o litro, o kilogrammo, etc., o alqueire etc.

II) secção:

As quatro operações fundamentaes sobre numeros inteiros: addição, subtração, multiplicação e divisão. Problemas faceis de utilidade pratica. Prova das quatro operações.

b) Conhecimento da moeda papel e da moeda metalica brasileira. Questões praticas.

c) Conhecimento pratico de $1/2$, $1/4$, $1/8$, $1/3$, $1/6$, $1/9$, $1/5$, $1/10$, com auxilio de objectos. Exercicios sobre esses quebrados em calculo mental e problemas faceis.

d) Representação e leitura das fracções decimaes. Operações sobre as fracções decimaes. Questões praticas simples.

e) Conhecimento pratico das medidas usuaes. Problemas simples sobre systema metrico decimal.

Geographia

I secção:

a) Primeiras idéas sobre orientação: — posição dos objectos da sala de aula; — a frente, atrás, a direita, a esquerda parte superior e inferior.

b) Exercicio de orientação relativamente á localidade em que está a escola. Os pontos cardeaes: — conhecimento dos pontos cardeaes pelo nascimento do sol.

c) Medida do tempo — a hora, o dia, a semana, o mez, o anno.

d) Denominações dadas ás terras e ás aguas. Reconhecimento das fórmulas e accidentes geographicos no mappa; — sua reproducção no quadro-negro e no papel.

II secção:

a) As estações do anno. — Estações do plantio, do florescimento e da colheita.

b) Localidade em que está a escola. — Estrada de Ferro que dá accesso á Capital.

c) Traçado do contorno do Estado de S. Paulo. Localização da Capital e de algumas cidades, nas estradas de ferro.

d) O mar que banha o Estado. — O porto de Santos. Portos importantes do Estado.

e) Produções naturaes e industriaes do Estado, especialmente da zona em que está a escola.

Historia do Brasil

I secção:

a) Palestra com os alumnos, para que tenham uma ligeira noção do municipio no Estado, e do Estado no Brasil.

b) Explicação deste nome dado ao paiz. Palestras sobre os seus primeiros habitantes.

c) Contos muito breves sobre factos da vida de grandes homens: — Cabral, Caramurú, João Ramalho, Tiradentes, José Bonifácio, D. Pedro I, D. Pedro II, Osorio, Almirante Barroso, Caxias, Luiz Gama, Silva Jardim, Deodoro, Benjamin Constant, Floriano Peixoto, Americo Brasiliense, Prudente de Moraes etc.

II secção:

a) Descobrimto do Brasil. — Terra de Santa Cruz. Brasil.

b) Ligeiras noções sobre explorações feitas no Brasil. — Martim Affonso. Fundação de S. Paulo.

c) Explicação sobre as datas mais memoraveis da nossa Historia, pondo-se em relevo os feitos dos grandes homens.

d) Contos sobre factos da vida dos grandes homens brasileiros, completando-se e desenvolvendo-se o estudo feito na 1.^a Secção.

Noções de cousas

I secção

a) Palestras com os alumnos sobre objectos existentes na sala de aula, chamando-se sua attenção para o nome, a fórmula e a materia de que são feitos, — as partes, — a côr, — a utilidade etc.

b) Noções praticas muito simples sobre propriedades dos corpos: — transparencia, opacidade, brilho, dureza: — corpos ásperos, lisos, porosos, friaveis, pesados, leves etc.

c) Palestras sobre plantas e animaes: — utilidade dos vegetaes e animaes.

d) As nossas culturas. — As culturas proprias da zona em que esta a escola. A criação de animaes uteis.

II secção

a) Noções muito simples sobre vegetaes e animaes uteis ao homem. — Animaes e vegetaes nocivos. — Productos vegetaes e animaes aproveitados pelo homem.

b) Os mineraes : — o ferro, o cobre, o chumbo, o estanho, a prata, o ouro, etc. Productos mineraes : — cal, vidro, louça, tijolos, telhas, etc., sal de cosinha, carvão de pedra, etc.

c) Noções sobre hygiene. — O asseio : — necessidade do asseio como meio de conservar a saúde e prolongar a vida, — Hygiene de alimentação. — O fumo e o alcool, seus males. — A vacinação.

d) Noções muito simples sobre o ar, a agua, o sereno, o orvalho, a geada, a saraiva, a chuva, os ventos, o raio, as marés, etc.

Educação civica

I secção

a) Deveres das crianças para com os seus collegas e irmãos, — seus paes e seus mestres. — Deveres de caridade. Deveres para com os superiores e inferiores.

b) Deveres a que estão sujeitos nos logares publicos — Deveres para com as autoridades.

c) A verdade e a mentira. — A delação e a traição. — O orgulho. — O egoismo. — A honra, etc.

d) Nomes da localidade, da cidade, do Estado, do Paiz, em que a criança está e onde nasceu.

II secção :

a) As auctoridades municipaes ;

b) Presidentes que o Estado e a Republica teem tido ;

c) Deveres dos cidadãos brasileiros e dos estrangeiros domiciliados no paiz.

d) Descrição muito simples da Bandeira Nacional ;

e) Grandes acções civicas de brasileiros illustres ;

f) Leituras de trechos apropriados.

Trabalhos manuaes

(Para o sexo feminino)

a) Crochet em lã e em linha ;

b) Primeiros elementos de costura : — pontos, pospontos, bainhas, remendos, serzidos, caseados, etc.

c) Costura : — confecção de pequenas peças simples de roupas brancas : — aventaes, camisolinhas, camisinhas etc.

Calligraphia

a) Cópia a lapis e em papel, de palavras da lição de leitura escriptas pelo professor no quadro-negro.

b) Cópia de pequenos trechos do livro de leitura.

Observação : — Nos programmas para a II secção deve-se comprehender uma recapitulação e desenvolvimento da materia estudada na I secção.

Annexo n. 2

PROGRAMMA PARA EXAMES DE PROFESSORES PROVISORIOS

MATERIAS

Portuguez—Arithmetica—Geographia—Historia do Brasil—Educação Civica—Calligraphia—Noções de Cousas—Costura—(Para o sexo feminino).

Portuguez

Prova escripta :

a) Reprodução de um trecho lido por um dos examinadores;

b) Composição livre sobre assumpto dado ;

c) Redacção de cartas, requerimentos e officios, sobre assumpto dado.

Prova oral :

a) Leitura, interpretação e reproducção de trecho lido em prosa ou verso ;

b) Vocabulos — syllabas — partição dos vocabulos — accento tónico ;

c) Substantivo — Artigo — Adjectivo — Pronome — Verbo — Adverbio — Preposição — Conjunção — Noção e divisão ;

d) Flexão nominal : — genero, numero e gráu ;

e) Variação dos pronomes : — Emprego dos pronomes substantivos ;

f) Flexão verbal : — conjugação de verbos regulares e irregulares ;

g) Pontuação : — conhecimento pratico do emprego dos signaes de pontuação ;

h) Sentenças e seus elementos.

Arithmetica

Prova escripta :

Resolução de problemas sobre numeros inteiros, fracções decimaes e ordinarias e, systema metrico decimal.

Prova oral :

a) Numeração : formação dos numeros, leitura e escripta de numeros inteiros.

b) Adição, subtracção, multiplicação e divisão dos numeros inteiros. Provas das quatro operações. Problemas.

c) Fracções decimaes : leitura e escripta de fracções decimaes. Problemas.

d) Systema metrico decimal — conhecimento pratico das unidades de comprimento, superficie, de capacidade e peso.

e) Multiplos e submultiplos das unidades metricas. Calculos sobre numeros metricos. Problemas.

f) Conversões simples de medidas antigas e modernas e vice-versa. Problemas.

g) Numeros primos : decomposição de um numero em seus factos primos. Carácterés mais simples da divisibilidade. Problemas.

h) Maximo commum divisor; indagação do M. C. D. a dois ou mais numeros.

i) Mínimo multiplo commum : indagação do M. M. C. a dois numeros.

j) Fracções ordinarias : leitura e escripta de fracções ordinarias. Reducção ao mesmo denominador e simplificação de fracções ordinarias. Problemas.

k) As quatro operações sobre fracções decimaes. Problemas.

Geographia

1) A Terra :

a) Fôrma e movimentos. Os dias e as noites. As estações.

b) O globo terrestre : linhas e círculos do globo. Zona.

c) As terras e as aguas : continentes e oceanos.

2) O Estado de São Paulo :

a) Esboço da configuração perimetrica. Limites. Superfície,

b) Mar que banha o Estado. Ilhas, bahias e portos principaes.

c) Principaes serras do Estado. Rios mais importantes.

d) Produções naturaes. Breve noticia sobre industrias do Estado). As principaes Estradas de Ferro.

e) População. Capital e cidades mais importantes.

3) O Brasil.

a) Paizes que limitam com a Brasil. Superfície.

b) Mar que banha o Brasil. Principaes ilhas. Bahias e portos mais importantes.

- c) Systema orographico : as cordilheiras de montanhas. Bacias fluviaes : os grandes rios de cada uma das vertentes.
- d) Principaes produções naturaes nos tres reinos.
- e) População geral. Estados e suas capitaes.

Noções de cousas

1) Animaes :

a) Animaes uteis : os animaes que prestam serviços ao homem ;

b) Productos animaes uteis : a carne, a lã, o couro, o chifre, o osso, o marfim, a cêra, o mel, a seda, a esponja, o coral, etc.

c) Animaes nocivos : os parasitas, os animaes venenosos, as serpentes, as feras, os animaes que atacam as plantas, etc.

2) As Plantas :

a) Os vegetaes do Brasil : madeiras de lei, a peroba, o jequitibá, a canella, o oleo, o jacarandá, o pinho, a imbuiá, etc.

b) Plantas venenosas e plantas medicinaes : a cicuta, o cardamomo, a bella-dona, o estramonio, a lósna, a arruda, a tilia, a baunilha, etc.

c) As plantas alimenticias e os fructos : a mandioca, a batata, o cará, etc., os legumes, os fructos comestiveis, o chá, a congonha, etc.

d) As nossas culturas : o café, a canna de assucar, os cereaes, o cacau, o algodão, o fumo, etc.

e) Productos vegetaes : a borracha, as gommas, a camphora, o quinino, a canella, o alcool, a cerveja, o pão; etc.

3) Os mineraes :

a) Mineraes que se encontram no Brasil. As nossas minas. As pedras preciosas.

b) Mineraes uteis : o ferro, o cobre, o chumbo, o mercurio, o estanho, a prata, o ouro, o granito, o marmore, o carvão de pedra, o enxofre, o kaolim, o kerozene, etc.

4) As industrias :

a) Aproveitamento de productos vegetaes e animaes, e de mineraes nas industrias : a carpintaria, a mercearia, a tecelagem, o cortume, o papel, o vidro, a ceramica, etc.

b) Industria extractiva : a canella, o cravo da India, o quinino, a cal, o sal de cosinha, a borracha, etc.

5) Hygiene :

a) Idéa geral do organismo humano : aparelho digestivo, respiratorio e circulatorio.

b) O asseio : hygiene individual.

c) Hygiene da alimentação. O fumo e o alcool, seus effeitos prejudiciaes sobre o organismo humano.

d) A vacinação e sua utilidade. O veneno ophidico e seu antidoto.

6) A natureza:

a) A agua, a chuva, o sereno, o orvalho, a geada, etc.

b) O relampago, o trovão, o raio, o para-raio, etc.

c) O ar, os ventos, as phases da lua e sua influencia sobre a terra, etc.

Historia do Brasil

a) Descobrimto da America e do Brasil. O Brasil colonial: breve resumo dos factos capitaes desse periodo. Brasileiros illustres dos tempos coloniaes.

b) As luctas pela independencia do Brasil. Tiradentes.

c) Independencia do Brasil e Brasil imperio. José Bonifacio e D. Pedro I. A regencia: Diogo Feijó.

d) D. Pedro II: factos capitaes do seu governo.

e) O Brasil republica. Propaganda republicana. Os governos republicanos. Factos mais importantes do periodo republicano.

Educação civica

a) A Patria. Deveres para com a Patria. A bandeira nacional como symbolo da Patria. Breve descripção da bandeira.

b) As datas memoraveis da nossa Historia. Feitos notaveis de brasileiros illustres.

c) O Governo. Necessidade de um Governo. Como se fórma o Governo da Republica. O cidadão brasileiro: seus direitos e deveres. A eleição e o voto.

d) Os estrangeiros no Paiz: seus direitos e seus deveres. A naturalização.

e) O imposto: sua necessidade e seus effeitos.

f) O exercito. A armada. A policia. O jury.

Calligraphia

A prova de calligraphia deve ser julgada pelos trabalhos escriptos exhibidos em exame.

Costura

A prova de costura deve ser julgada por dois trabalhos designados pela commissão examinadora para serem executados pelas candidatas: sendo um de córte e confecção de uma peça

simples de roupa de uso commum, e outro, um trabalho simples de agulha: crochet em lã ou em linha, pontos de marca, tricot em lã, hainhas abertas, caseados, etc.

Nota:—Como ponto pratico de exame, os candidatos serão arguidos sobre a interpretação que deve dar ao programma de ensino das escolas que irão reger.

S. Paulo, Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em 14 de Abril de 1913.

ALTINO ARANTES

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

REVISTA DE ENSINO

A *Revista de Ensino* continúa a representar na imprensa a «Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo». E' o seu organ; a ella devem ser endereçados (rua Sta. Thereza, 28) os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados podem obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

A Directoria Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a redacção da *Revista*, que voltou a ser editada ás expensas do Exmo. Governo do Estado.

As srs. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboraçãõ com este endereço:

Redacção da Revista de Ensino,

Directoria Geral da Instrucção Publica,

Rua das Flores, 9

S. Paulo

* * *

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado.

Recebem-se as collaborações para o seguinte numero.